

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**



**UFOP**

Universidade Federal  
Ouro Preto

**GRADUAÇÃO, REDES E PRODUÇÃO DE CONTEÚDO DE  
HISTÓRIA:  
Estudo de caso dos grupos de Introdução ao Estudo da História**

**BRUNA MACIEL ARANTES DE SOUZA**

**MARIANA**

**2018**

**BRUNA MACIEL ARANTES DE SOUZA**

**GRADUAÇÃO, REDES E PRODUÇÃO DE CONTEÚDO DE  
HISTÓRIA:**

**Estudo de caso dos grupos de Introdução ao Estudo da História**

Monografia apresentado como requisito parcial para a obtenção de diploma de Bacharel em História da Universidade Federal de Ouro Preto.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Helena Miranda Mollo**

**MARIANA**

**2018**

S729g

Souza, Bruna Maciel.

Graduação, redes e produção de conteúdo de história [manuscrito]: estudo de caso dos grupos de Introdução ao Estudo da História / Bruna Maciel Souza. - 2019.

59f.: il.: color; graf; tabs.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helena Miranda Mollo.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História.

1. Inovações educacionais. 2. Facebook (Rede social on-line). 3. Redes sociais . 4. História - Estudo e ensino. I. Mollo, Helena Miranda. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 94(07):007



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Bruna Maciel Arantes de Souza**

**Graduação, redes e produção de conteúdo de História: estudo de caso dos grupos de Introdução ao Estudo da História**

Membros da banca

Helena Miranda Mollo - Doutora - Universidade Federal de Ouro Preto

Andre de Lemos Freixo - Doutor - Universidade Federal de Ouro Preto

Mateus Henrique de Faria Pereira - Doutor - Universidade Federal de Ouro Preto

Versão final

Aprovado em 02 de fevereiro de 2019

De acordo

Helena Miranda Mollo  
Professora Orientadora



Documento assinado eletronicamente por **Helena Miranda Mollo, CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**, em 25/11/2019, às 00:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0023982** e o código CRC **CB2CC0BF**.

**Referência:** Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.203351/2019-86

SEI nº 0023982

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: 3135579406 - www.ufop.br

*“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite.  
Que a liberdade seja a nossa própria substância.”*

Simone de Beauvoir

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora, Helena Miranda Mollo, por todo o processo de orientação, não somente na monografia, mas ao longo de minha graduação, expandindo os caminhos da orientação acadêmica, passando a ser uma referência como mulher e professora durante toda minha caminhada na Universidade. Obrigada por todas as conversas, conselhos, broncas e por acreditar em mim como historiadora e pesquisadora, quando eu não conseguia.

Agradeço também a minha família, que me trouxe aqui e me manteve firme durante os anos de graduação, mesmo com toda a saudade, incertezas e adversidades que a mudança de estado, um dia, me proporcionou. Percebi que a distância nada significa para aqueles que estão unidos por laços mais fortes que a presença física.

Agradeço às mulheres fortes de minha vida: Amaurile Maciel e Marta Tacioli. Não é possível passar pelos agradecimentos sem mencionar a República Galinheiro seus ex-alunos e atuais moradores, pela parceria, amizade e por tornar-se um porto seguro ao longo de todos esses anos.

## RESUMO

A construção social dos estudantes que ingressaram na universidade nos últimos anos revela uma relação inédita em intensidade desses indivíduos com as novas tecnologias. Esse fenômeno é ainda recente para se ter com clareza quais efeitos terão o uso das redes sociais na educação, sobretudo o Facebook, objeto desse trabalho, mas pretendemos aqui fazer um breve estudo sobre suas possibilidades, levando em consideração suas características mais marcantes: facilidade de manuseio, promoção da aprendizagem autodidata através da colaboratividade. Os novos espaços disponíveis na internet facilitam a comunicação entre os usuários, através do compartilhamento de conteúdo. Buscando entender como os usuários se relacionam, especificamente com o Facebook, foram utilizados os dados dos grupos já existentes de Introdução ao Estudo da História (His 104) dos últimos seis semestres (2015/1-2017/2). Para quantificar os dados e as múltiplas formas de interação, foi feito um formulário respondido pelos alunos sobre suas experiências na plataforma. Após essa análise podemos perceber até que ponto o uso do Facebook como plataforma de aprendizagem atua positivamente nos cursos de graduação e alguns elementos que atrapalham o que seria sua funcionalidade. Os dados demonstram o aumento da interação entre os discentes e o encurtamento da distância com a professora, maior facilidade de acesso aos textos além do maior compartilhamento de materiais entre os discentes, através do grupo fechado. Visando melhor compreensão dos alunos, como se disse acima, foi enviado um questionário para escalonar a experiência que os discentes tiveram com grupo e como isso foi refletido em sala de aula. As respostas enviadas foram classificadas realizando uma comparação com os dados do grupo da disciplina.

**Palavras-chave:** Facebook; Redes Sociais; Plataforma de Aprendizagem; Grupos Fechados.

## ABSTRACT

The social construction of the students who enrolled in university last years reveals an unprecedented relation in intensity of these individuals with the new technologies. This phenomenon is still recent to be clear about the effects of social networks in education, especially Facebook, the subject of this paper, but we intend to make a brief study of its possibilities, taking into account its most striking features: easy handling, and promotion of self-directed learning through collaborative learning. The new social channels on the Internet facilitate communication between users through the sharing of content. Trying to understand user relationship with each other, specifically in Facebook platform, data from the previous groups of Introduction to the Study of History (His 104) of the last six semesters (2015 / 1-2017 / 2) were used. In order to quantify the data and the multiple forms of interaction, a form was answered by the students about their experiences in the platform. After this analysis we can detect to what extent the use of Facebook as a learning platform acts positively in undergraduate courses and some elements that hinder what would be its purpose. The data shows an increase in the interaction between the students and the shortening of the distance with the teacher, easier access to papers besides increase of sharing related subject content among the students, through a closed group. Aiming at a better understanding of the students, as mentioned previously, a questionnaire was sent to stagger the experience that the students had with the group and how it was reflected in the classroom. The answers sent were classified by comparing them with the data of the group subject.

**Keywords:** Facebook; Social Media; Learning Platform; Closed Groups.



## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | 10 |
| <b>CAPÍTULO 1: A multidisciplinaridade da Análise de Redes Sociais (ARS)</b>                           | 18 |
| 1.1. História do conceito de redes   | 19 |
| <b>CAPÍTULO 2: A Internet e seu público nativo</b>   | 22 |
| 2.1. O Facebook e a construção social dos seus usuários  | 24 |
| 2.2. O Facebook como plataforma de aprendizagem  | 26 |
| 2.3. Facebook no ensino superior   | 29 |
| <b>CAPÍTULO 3: A História nas redes – a utilização da plataforma como ferramenta de complementação</b> | 27 |
| 3.1. A produção de História como conteúdo para páginas no Facebook                                     | 31 |
| 3.2. Historiografia digital: páginas de História no Facebook   | 33 |
| 3.2.1. Café História - Divulgação de produções acadêmicas  | 34 |
| 3.2.2. História Digital  | 34 |
| 3.2.3. As Minas na História  | 35 |
| 3.2.4. Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade                                   | 36 |
| 3.2.5. História da Depressão   | 36 |
| <b>Capítulo 4: A disciplina de Introdução ao Estudo da História e sua página no Facebook</b>           | 37 |
| 4.1. Estudo de caso do grupo de Introdução ao Estudo da História                                       | 38 |
| 4.2. Contribuição do Facebook para aprendizagem  | 41 |
| <b>Capítulo 5: Questionário</b>  | 47 |
| <b>Considerações finais</b>  | 50 |
| <b>REFÊRENCIAS</b>   | 52 |
| <b>ANEXOS</b>  | 55 |
| A.   | 55 |

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XX, Mark Prensky desenvolve considerações críticas a respeito das mudanças de comportamento dos estudantes que hoje se inserem no sistema educacional; o acesso à internet e os efeitos das mídias sociais, chegam junto a universidade com a nova leva de alunos vindos dos anos 2000. Em pouco mais de uma década, os avanços tecnológicos permitiram técnicas de acesso global à informação e à comunicação, interconectando o planeta através do desenvolvimento de múltiplas formas de se estabelecer em redes sociais, educacionais, tecnológicas e afins.

A internet é um sistema de redes que funciona através de computadores e, atualmente, atinge mais de 150 países<sup>1</sup> através de 300 milhões de computadores, reunindo em média mais de 400<sup>2</sup> milhões de usuários. Esse sistema surgiu na década de 1960 com o objetivo de ser uma ferramenta utilizada na comunicação militar em um provável contexto de guerras. A ideia central, segundo Luís Monteiro (2001), era desenvolver um sistema que funcionasse sem um controle central, onde as mensagens enviadas pudessem ser separadas e enviadas em pequenas partes, transmitindo as informações de maneira rápida, flexível e com redução do erro humano nas atividades (DIZARD, 2000)

Dois décadas depois desse início, ao longo dos anos de 1980, foi desenvolvido um conjunto de protocolos para comunicação entre computadores em rede, chamado de TCP/I, pensando em uma troca eficaz de informações que possibilitou a conexão de redes diferentes, ampliando a que existia em 1960. O surgimento do TCP/IP possibilitou a integração de redes existentes para além dos Estados Unidos, conectando centros de pesquisa e universidades ao redor do mundo, constituindo assim, a Internet como ferramenta de troca de informações no meio acadêmico (MONTEIRO, 2001), e ampliando suas funções para além do contexto militar.

O marco da difusão da internet no Brasil ocorreu em 1995<sup>3</sup>, através de projetos ensejados pelo Ministério da Comunicação e pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, visando à implantação de um sistema operacional para empresas

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/62100555399949223325534481085941280573.pdf>>. Acessado em: 10 nov. 2018.

<sup>2</sup> **Fonte:** NUA Internet Surveys. Disponível em: <[www.nua.ie](http://www.nua.ie)>. Acessado em: 18 nov 2018.

<sup>3</sup> **Fonte:** Instituto de Pesquisa Nielsen, publicados na revista Veja – Vida Digital, nº 4, dez/2000.

privadas que promovia o acesso dos usuários a uma rede compartilhada, expandindo o número de usuários, inicializando o processo de transposição da internet para além do meio acadêmico sendo utilizado também por instituições não-governamentais.

Desde a sua implantação no Brasil, a internet teve um enorme crescimento, entre 1996 e 1997, a adesão ultrapassou 1,3 milhão de usuários, número que hoje ultrapassa os 10 milhões de brasileiros conectados às redes digitais.

Hoje, o acesso à informação está a um clique de distância, os smartphones desempenham papel central na vida da maioria das pessoas e principalmente dos jovens. Monteiro (2011, p.31), autor de “A internet como meio de comunicação: possibilidade e limitações” traz um questionamento sobre o momento social em que vivemos:

Portanto, sem dúvida a internet é um meio de comunicação interpessoal. Mas será que podemos classificar a internet como um meio de comunicação de massa?

Segundo o Dicionário de Comunicação, os meios de comunicação de massa possuem as seguintes características:

a) São operados por organizações amplas e complexas, envolvendo diversos profissionais, com diferentes habilidades;

b) São capazes de difundir suas mensagens para milhares ou até milhões de pessoas, utilizando grandes recursos tecnológicos (os veículos de massa), sustentados pela economia de mercado (através da publicidade, principalmente);

c) Falam para uma audiência numerosa, heterogênea, dispersa geograficamente e anônima;

d) E, principalmente, exercem uma comunicação de um só sentido, ainda que possuam algum sistema de feedback (índices de audiência, por exemplo).

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é apresentar os resultados colhidos em uma pesquisa realizada com os alunos ingressantes na universidade nos últimos seis semestres, buscando analisar e questionar as potencialidades e consequências do uso de plataformas amplas e abrangentes, utilizadas nos cursos presenciais. Assim, em primeiro lugar, procurou-se identificar as características das redes sociais, quanto à integração do conteúdo em espaços antes destinados somente à comunicação e ao entretenimento. Segundo Junco (2011), atualmente, as redes sociais são utilizadas em parte da educação superior, através de plataformas que disponibilizam material para o aluno, utilizadas em cursos integral e parcialmente a distância. (NEBIAT; GIRUM, 2014)

A Universidade Federal de Ouro Preto em 2016 iniciou o processo de implementação do Moodle, um software utilizado mundialmente em instituições de ensino que funciona através de um ambiente virtual de aprendizagem, criado para auxiliar alunos e professores com intuito de expandir as vias de comunicação entre os mesmos. Composto por diversas ferramentas que facilitam, por exemplo, a publicação de materiais, intermediação de atividades em grupo com fóruns de discussão e realização de pesquisa entre os alunos.

Apesar da ferramenta ter sido implantada com altas expectativas quanto ao seu funcionamento o público a qual ela foi construída para atender se comportou de maneira diferente do esperado. No mesmo ano de 2016, ano da implementação do moodle, o Facebook atingiu a marca de 2 bilhões de usuários ativos, por ser uma plataforma também destinada a comunicação e interação social, o Facebook se tornou popular entre os jovens do mundo todo.

O Facebook ganhou espaço na internet e aposentou diversas outras redes sociais pelo fato de possuir ferramentas de diversas plataformas, em uma só. No caso moodle, o Facebook desenvolveu funções que permitem seus usuários desenvolver projetos pedagógicos com a mesma proposta da plataforma institucional. Pode-se destacar como um dos principais atrativos do Facebook a familiaridade dessa rede entre os alunos ingressantes, atualmente, é amplamente utilizado para a administração de disciplinas, aproveitando o prévio conhecimento dos usuários sobre suas ferramentas e funcionalidades.

Utilizado para criar os grupos fechados onde estão incluídos os grupos de pesquisa com constante atualização, grupos em que organizam as oficinas recorrentes, eventos, além, claro, do foco desta pesquisa, uma forma de comunicação direta entre o professor e os alunos, com repositório de conteúdo, material audiovisual e links complementares.

Como estudo de caso, foi feita a análise de dados dos grupos dos últimos seis semestres da disciplina de Introdução ao estudo da História (His104), adotando-se a metodologia quantitativa e qualitativa. De maneira geral, a pesquisa não busca medir as integrações realizadas através de dados estatísticos, mas entender seus processos através das experiências dos sujeitos, analisando a relação do tempo gasto no Facebook e seu impacto na vida acadêmica dos estudantes, seguindo o que afirma a pesquisadora Arilda Schmidt Godoy (1995) sobre a metodologia quantitativa e qualitativa: “um esforço cuidadoso para a descoberta de novas

informações ou relações e para a verificação e amplificação do conhecimento existente” (Godoy, 1995).

O amplo acesso a internet e as novas tecnologias disponíveis, inclusive para o ramo de pesquisa e educação, oferecem a possibilidade de conexão e busca de informação independente da localização do usuário. A comunicação deixou de ser um privilégio somente da alta sociedade, as barreiras de classe ainda existem, mas com a possibilidade do acesso à informação de maneira remota e fora dos ambientes institucionais ou empresariais, vê-se uma esperança ao permitir que conexões sejam feitas entre pessoas com múltiplos interesses, localidades e construções sociais a distribuição de informação vem ao longo dos últimos, ressignificando a construção do conhecimento:

Embora a internet tenha sido difundida, é preciso lembrar que seu uso não se dá da mesma forma mesmo entre as pessoas que a ela têm acesso. Uma criança, por exemplo, inserida em uma família média de uma metrópole possui várias vantagens em relação a outra criança residente no meio rural, afastada dos grandes centros urbanos. Portanto, além do acesso à internet não ser universal no Brasil (e em outras sociedades), é preciso considerar que a qualidade do uso da internet é diferenciada, conforme as condições diferenciadas de acesso ao conhecimento, a serviços e à tecnologia. CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges; rev. Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

A sala de aula e o professor ganharam novas ferramentas e formas de atuação de seus papéis, para além dos livros e materiais distribuídos pelos professores, os diversos acervos e repositórios online, possibilitam aprofundamento nos assuntos em outros formatos de acesso. As redes sociais nos permitem ter um vislumbre de partes da sociedade e suas formas de relacionamento, ao acessar um perfil temos uma prévia dos seus gostos, seu time favorito, séries, profissão, de onde é, onde mora, quem são os integrantes da sua família e até os lugares visitados. (MARCON; MACHADO; CARVALHO, 2012).

As bibliotecas públicas<sup>4</sup> até há pouco mais de uma década eram os lugares de pesquisa onde eram feitos trabalhos e pesquisas, atualmente novos métodos de pesquisa foram incorporados a nova geração de aluno: os buscadores online de pesquisa. Segundo Prensky (2011), essa geração é caracterizada por crianças que

---

<sup>4</sup> O significado do conceito de "público" surgiu após a Revolução Francesa quando os arquivos foram abertos à população; até então essas instituições eram consideradas um local resguardo das obras desde o período medieval, não um centro a qual a população tinha acesso.

nasceram em um mundo já fortemente marcado pelas tecnologias e mídias digitais e, portanto, teriam um perfil cognitivo de aprendizagem diferente das gerações anteriores que nunca tiveram contato com esse grau de tecnologia.

Em fevereiro de 2004, a plataforma Facebook surgiu sem muito alarde, fundada por Mark Zuckerberg e seus colegas na Universidade de Harvard. O sucesso desta plataforma digital foi tão grande, que atualmente alcança 2,13 bilhões de usuários em todo mundo, registrando o crescimento de 14% da comunidade ao longo de 2017 conforme uma pesquisa feita pelo Estadão<sup>5</sup> em janeiro de 2018.

Pode-se afirmar que o Facebook mudou a forma das pessoas se relacionarem em sociedade. Sílvia Portugal em seu artigo “Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica” analisa que o número de usuários acompanha o desenvolvimento midiático da plataforma, a ponto dessa rede ser considerada por cientistas sociais uma ferramenta de análise comportamental, dada a possibilidade de refletir sobre as ações dos atores inseridos em seu ambiente, digamos, natural.

Em última análise, o uso dessa tecnologia para elevar o engajamento dos alunos pode promover atitudes positivas de aprendizagem intelectual e emocional, aumentando potencialmente o desempenho acadêmico e as habilidades de pensamento crítico. (Carini, Kuh & Klein, 2006 in. NEBIAT; GIRUM; CLEMENTS, 2015 - Tradução livre)

Em artigo sobre a história do Facebook, publicado na Revista Alceu, periódico de publicação semestral do Departamento de Comunicação Social da Puc-Rio, em 2014, Pedro Correia e Maria Moreira põem em relevo os aspectos que levaram o Facebook a ser o que é hoje, tendo sido, em menos de 20 anos, capaz de trazer mudanças em nossa sociedade. Podemos perceber isso através do volume de estudos produzidos sobre o “Face” e a quantidade de espaços consolidados por essa rede, como o marketing e a administração de empresas.

Muitos acadêmicos de um vasto espectro de disciplinas – designadamente Direito, Economia, Sociologia, Psicologia, Tecnologias de Informação, Gestão, Marketing e Comunicação – reconhecem a importância do Facebook. Como consequência das suas distintas afiliações e objetivos de pesquisa, os seus esforços para compreender o fenômeno do Facebook seguiram caminhos totalmente independentes, tendo originado artigos científicos e conferências nas mais diversas áreas. O resultado é uma impressionante coleção de trabalhos de investigação, mas a literatura fragmentada dificulta, como já foi referido, o acompanhamento de todos os

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-chega-a-2-13-bilhoes-de-usuarios-em-todo-o-mundo,70002173062>>. Acessado em: 19 nov. 2018.

resultados e das conclusões conseguidas com esses estudos.  
(182 ALCEU - n.28 - jan./jun. 2014)

Os estudos acerca do uso das mídias sociais na educação mostram como as novas plataformas facilitam comunicação aluno-aluno e professor-aluno (Barczyk, 2013). Vivemos em mundo onde as teorias futuristas do passado voltam para o debate e algumas delas vem se concretizando. Hoje, existe a possibilidade de comunicação para além dos meios já conhecidos no passado como o telefone e telégrafo independente da distância ou da localização geográfica. Conseguimos também arquivar e acessar informações como nunca antes foi possível, para além da possibilidade de armazenamento, temos ao nosso alcance diversas ferramentas para distribuição e conhecimento que possibilitam a transposição de conteúdo para outras plataformas. Contudo, é preciso saber distinguir a capacidade de armazenamento da possibilidade de acesso à informação, sendo necessário entender a forma como o conhecimento e o armazenamento são gerenciados no uso da tecnologia, e a demanda que a acompanha de maneira prudente.

Atualmente temos plataformas online de ensino de línguas, como escolas de idiomas online, preparo para vestibular que atuam através de vídeo aulas como o Descomplica e Stoodly, arquivos digitais de livros e revistas tendo como exemplo o Arquivo Nacional e seu acervo disponível online, aumento da produção de conteúdo sonoro e audiovisual como os podcasts e canais de vídeo, distribuídos em plataformas como o Spotify e o Youtube.

Geralmente, três aspectos acompanham o engajamento: comportamento, emoção e cognição. Enquanto o engajamento comportamental é primariamente sobre participação, o comportamento emocional está relacionado às atitudes, valores e interesses dos alunos e o comportamento cognitivo está associado aos objetivos do aluno e ao aprendizado dirigido (Sharan & Tan in. NEBIAT; GIRUM; CLEMENTS, 2015 - Tradução livre)

A observação e o convívio com os calouros do curso de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) ensejaram esse projeto. Tal experiência se deu ao longo da minha graduação em História, como experiência pessoal, e também através de um projeto elaborado junto à Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (Prace), com a proposta de acolhimento das múltiplas identidades ingressantes no ICHS através do sistema de seleção unificada (SISU).

A análise realizada no presente trabalho reflete a funcionalidade do Facebook em estabelecer uma conexão dinâmica para a aprendizagem e a comunicação com o professor e entre os estudantes. Partindo disso, tem-se como problema central da pesquisa identificar se os grupos fechados da disciplina de Introdução ao Estudo da História (His 104) promoveram uma interação entre os alunos e o professor, agindo como um facilitador na comunicação, questionando as dificuldades da comunicação fora da rede social, incluindo o moodle, e se essa comunicação é difícil para todos da mesma maneira

Com essa proposta, o trabalho pretendeu entender a forma a qual o Facebook refletiu na realidade dos alunos e na comunicação com o professor, utilizando como índice parâmetro a interação dos alunos relacionado não somente com as taxas de aprovação e reprovação dos alunos em sala de aula mas os formatos de integração no grupo fechado da disciplina presente no Facebook. Questiona-se também como os alunos que nasceram após a era da transformação digital entendem a plataforma e as maneiras com que estes lidam com as informações que recebem diariamente.

O projeto que significou o início do presente trabalho de conclusão de curso foi fruto da observação dos fatores que contribuem para o desestímulo em relação ao curso e às atividades culturais propostas, como a dificuldade de comunicação no Ichs, o desinteresse pelas atividades propostas, associada a uma estratégia ruim de informações sobre o que acontece dentro do instituto.

Partindo disso, elaboramos um projeto para concorrer ao edital do Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência (PIDIC) cuja função principal foi criar uma página no Facebook, divulgando regularmente as principais informações sobre os regimentos internos, o calendário acadêmico, as atividades culturais da semana, além de avisos e divulgação de eventos acadêmicos, com o intuito de diminuir a distância entre o Instituto e seus alunos.

A proposta apresentada a Prace observou o convívio dos calouros do curso de História e estendeu-se aos demais estudantes do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP.

O projeto foi pensado visando a redução da taxa de evasão e o baixo rendimento nos primeiros semestres em decorrência a fase de adaptação a qual os calouros se encontram quando chegam ao ICHS.

Foram identificados problemas aos quais os alunos ingressantes se depararam no primeiro semestre e partindo disso foram desenvolvidas estratégias, para além



daquelas já em ação no ICHS, visando o estímulo a permanência dos estudantes durante os primeiros semestres. Para efetivar os objetivos do projeto, as plataformas digitais foram utilizadas para a produção de conteúdo relevante a alta demanda por informação existente no Instituto, utilizando de critérios de relevância científica - como a análise de dados - e social, pensando em promover um maior entrosamento entre o aluno ingressante com os veteranos e o campus.

O projeto ICHS para iniciantes, precisou ir além da produção conteúdo e transmissão de informação, precisando inicialmente entender os perfis dos estudantes para então moldar as formas do relacionamento do estudante egresso com a Universidade. A emergência do uso das atuais ferramentas tecnológicas disponíveis no ensino e na aprendizagem para além da sala de aula, serviram como ponto de partida para a elaboração do projeto trabalhado em 2018, mais informações o projeto ICHS se encontra em anexo.

## **CAPÍTULO 1: A multidisciplinaridade da Análise de Redes Sociais (ARS)**

A Análise de Redes Sociais (ARS), em inglês Social Network Analysis, foi criada no campo da Sociologia, Psicologia social e Antropologia (Freeman, 1996) como uma abordagem utilizada para se estudar as formas de relacionamento entre atores sociais inseridos em ambientes virtuais. Atualmente, a ARS<sup>6</sup> é utilizada para estudar redes informais, espontâneas e não intencionais vindas das inter-relações da sociedade (GROSSETTI, 2003; 2004) e pode ser sintetizada como a interpretação das estruturas baseadas nas ligações já existentes entre os indivíduos que compõem as redes virtuais.

As ações analisadas no âmbito da ARS podem ser diversas, tanto de pessoas e empresas, através dos mais diferentes espectros, como no campo organizacional da administração ou das análises no campo das ciências políticas. O crescimento desse campo ocorre em decorrência do aumento do uso de dados utilizados na área da tecnologia da informação (TI) e no processamento de dados devido à expansão da tecnologia e seu poder como ferramenta de pesquisa<sup>7</sup> (GRANOVETTER, 1973)

A diferença entre a Análise de Redes Sociais para outros campos de estudo está no foco de pesquisa, priorizando as formas de relacionamento entre os atores e não suas características, para uma maior compreensão das consequências dessas relações que têm como estrutura inicial a forma de rede.

Existe um interesse permanente em entender as diferentes formas de interação que configuram as redes sociais, visto que permitem uma visão singular de determinados fenômenos, podendo destacar as posições sociais dos indivíduos inseridos nas redes e suas relações com os fluxos de informações que recebem diariamente.

A expressão rede social vem atrelada à TI, sendo debatida em diversos campos multidisciplinares de estudo, passando pela Comunicação, Educação, História, Geografia e Administração, tendo especial atenção no seu campo original, as Ciências Sociais.

Entender o conceito de redes é trabalhar com ideias e experiências construídas pelo senso comum na sua experiência de mundo globalizado, existindo, portanto,

---

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://eprints.rclis.org/7470/1/Art\\_03.htm](http://eprints.rclis.org/7470/1/Art_03.htm)>. Acessado em 12 nov. 2018.

<sup>7</sup> Embora a Internet como meio de comunicação entre computadores desde a década de 70 só a partir de 1990 a foi-se popularizar.

diversas definições para a conceituação de redes. O termo sugere um fluxo de informações que interagem com outras áreas de conhecimento, fazendo com que “aqueles que anteriormente tinham que se fazer representar por meios de comunicação de massa, começam agora a se representar por si mesmos” (WESTON, 1997).

No âmbito das Ciências Sociais, o termo rede sugere que a construção de redes sociais não depende somente da ação de um ator, mas sim do conjunto de ações entre atores em movimentos institucionalizados ou não, onde indivíduos com os mesmos interesses estão sujeitos à reinterpretação tendo em vista das novas correntes no campo sobre o conceito de "comunidade" nas redes sociais.

Inserindo o termo no campo da Antropologia Social, o significado de redes busca analisar e descrever processos sociais em que as conexões transpassam os limites de seus grupos (BARNES, 1987). Partindo da complementaridade que gira em torno do conceito de redes, foram esboçadas três possíveis abordagens que se complementam, tendo como ponto em comum uma relação direta com a informação, sendo elas:

- A. **Abordagem metafórica:** Respectiva à filosofia de rede;
- B. **Abordagem analítica:** Centrada na metodologia de análise de redes; e
- C. **Abordagem tecnológica:** Onde o foco está nas conexões e possibilidades de interação na sociedade através de redes de contatos e informações interorganizacionais (ACIOLI, 2007).

### **1.1. História do conceito de redes**

Segundo Sonia Acioli (2007), ao retomar as raízes históricas da noção de redes, são trabalhadas duas abordagens: a metafórica e a analítica. A construção básica da abordagem metafórica para fins analíticos configura os elos interpessoais atrelados às ações desses atores e/ou instituições na sociedade, com a ideia que os elos construídos no conceito de rede podem ser estreitados ou entrar em conflito.

Por ser muito novo, o conceito de redes é inspirado pela sua abrangência e potencialidade, aparecendo entre as décadas de 1930 e 1940 nos campos da Sociologia e da Antropologia social. Desde então, os especialistas no assunto usaram métodos empíricos, mas não apareciam características básicas em suas investigações que estabelecessem relações entre as redes e seus atores. (Acioli, 2007)

A partir da metade do século XX, o termo rede tornou-se o foco de teorias na Sociologia, abrindo espaço para pensar se haveria um novo campo nas Ciências Sociais.

Sílvia Portugal (2007) demonstra a construção analítica do conceito de rede social desenvolvida em duas correntes: a britânica, após a II Guerra Mundial, com ênfase em análises de grupos restritos, e a corrente norte-americana, que aborda o desenvolvimento das redes através de análises quantitativas com abordagens estruturais.

Os autores britânicos viam com reservas o modelo estrutural-funcionalista no qual as propostas teóricas eram inseridas com base na análise de dados empíricos. Essa perspectiva visava fundamentalmente à normatividade de seus sistemas. Ainda que o conceito de redes fosse utilizado como uma metáfora descritiva, existia grande dificuldade em entender sistemas sociais onde os elos de relacionamento eram diferentes da organização social em que estavam inseridos ou categorias pré-instituídas.

A rígida estrutura em que estavam os conceitos de rede territorial e industrial (BARNES, 1977) sugeriu a necessidade de se desenvolver um terceiro campo, constituído por outras relações, como amizade, interesse, conhecimento, que formam uma rede de relacionamentos flexíveis e discretos, e seus atores não precisam necessariamente se conhecer pessoalmente para que interagissem.

O conceito trabalhado por Barnes (1977) foi importante para a interpretação de processos sociais elementares, mas o trabalho de Elisabeth Bott (1957) significou a mobilização pela comunidade científica do conceito de rede social, estabelecendo as primeiras relações entre as características de uma ligação interna para uma estrutura em rede. Bott (1957) defendeu que uma estrutura familiar vai além do comportamento de seus atores, pois são diretamente influenciados pelas relações que estabelecem atores de outras estruturas familiares, como amigos, vizinhos e parentes, distinguindo as redes onde existem diversas relações entre os atores e as redes onde não existem o mesmo nível de relacionamento.

Os estudos de Bott (1957) e Barnes (1977) surgiram como contraponto aos estudos norte-americanos do conceito de redes, que se divide em duas linhas diferentes: uma linha formalista, que se concentra na morfologia das redes e suas consequências nos comportamentos dos atores, e a linha estruturalista, que define o relacionamento entre atores como a unidade básica de uma estrutura social, se

baseando em conceitos e métodos de análise do estudo das redes sociais como respostas aos problemas lançados pela teoria sociológica. (Mitchell, 1969)

Stanley Wasserman e Kathryn Faust (1999, p.4) classificaram três pontos fundamentais na teoria das redes sociais:

1. Os atores e suas ações são vistos como interdependentes, não atuando isoladamente
2. Os laços estabelecidos por esses autores abrem caminhos para a circulação de recursos tanto materiais como imateriais
3. As redes têm o poder de institucionalizar padrões constantes as quais estão inseridas, seja social, econômico, político ou cultural.

Ao tratar o ator como uma unidade estrutural de uma rede, não é possível fazer uma análise dessa rede como um todo, pois as ações dos atores são interdependentes. Por isso, o ponto de partida de uma investigação em análise de dados deve ser não o ator como unidade autônoma, mas sim pelo conjunto de relações que o conecta.

Alain Degenne e Michel Forsé, (1994 p.6) fizeram a análise do conjunto de relações sociais, buscando formas de categorizar os relacionamentos que acontecem entre os atores que compõem determinada rede, permitindo estudar a maneira pela qual são influenciados através do contexto e das relações em que estão inseridos através do compartilhamento de interesses.

## CAPÍTULO 2: A Internet e seu público nativo

De acordo com a ONU, a geração Z é representada pela parcela de pessoas que nasceram depois dos anos 2000, sendo um marco na divisão geracional. Nos próximos anos, essa geração ultrapassará a geração dos *Millennials*, representada pelas pessoas que nasceram entre 1980 e 2000. Segundo Cristiane Kämpf (2011) a geração que não conheceu um mundo que não fosse digital atinge a maioria. A escolha do nome vem do termo em inglês zapping, que significa fazer algo muito rapidamente, com energia e entusiasmo.

Ao complexificar a chamada geração Z, em estudos internacionais, é preciso ressaltar que a existência de múltiplas "gerações Z" as quais correspondem diretamente ao a realidade em que vivem. No contexto brasileiro e latinoamericano, classificar a chamada geração Z a uma classe, determina que todos os indivíduos nascidos após os anos 2000 pertencem a uma mesma geração, contudo a dinâmica social, cultural, política e econômica do contexto brasileiro, especificamente falando, não seguiu os mesmos moldes que a cultura norte-americana seguiu, por exemplo, não existindo equivalência que baste ao trabalhar as múltiplas realidade que dariam para além do acesso à informação, mas sim sua autonomia no mundo digital.

Marice Merriman, diretora executiva da agência de consultoria e negócios Ernst e Young, em depoimento à revista *Época*, diferenciou as características da geração Z dos *millennials*:

O principal fator que diferencia a geração Z dos millennials é um elemento de autoconsciência, em vez do egocentrismo [...] mais concentrados em como podem alcançar benefícios. Eles (os millennials) também recorriam aos outros na busca de soluções para problemas, enquanto os mais jovens naturalmente tentavam criar suas próprias soluções (Geração Z será maioria em 2019, *ÉPOCA*, 26 ago. 2018).<sup>8</sup>

A análise exposta no Relatório Anual de Sustentabilidade produzido pela EY<sup>9</sup> mostra algumas das consequências da nova forma de interação dessa geração e sua relação com a sociedade.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/08/geracao-z-sera-maioria-em-2019.html>>. Acessado em 19 nov. 2018.

<sup>9</sup> A EY é uma prestadora de serviços de Auditoria, Impostos, Transações Corporativas e Consultoria. O relatório anual de sustentabilidade reúne informações através de monitoramento e divulgação dos indicadores da Global Reporting Initiative e como se relacionam com as metas dos Objetivos do Desenvolvimento sustentável, materializando as atividades de seus clientes na indústria, comércio e serviços estabelecendo relações de causa na sociedade.

William Strauss e Neil Howe (2000) têm outra delimitação da geração *millennials*, situando-a entre os anos de 1982 e 2004. Já o Pew Research Center estabelece o limite para se considerar uma pessoa como pertencente à geração dos *millennials*, os nascidos entre 1981 e 1996, definição também adotada pela Ernst & Young (Geração Z será maioria, segundo Nações Unidas, O GLOBO, 26 ago. 2018).

O significado do termo “geração” inclui o sentimento de pertencimento a um conjunto de características de uma época. Contudo, nas últimas décadas o termo foi usado para delimitar abordagens e tendências comportamentais no campo das ciências humanas. Os indivíduos da geração Z cresceram totalmente familiarizados com as recentes tecnologias digitais. Mesmo quando em contato com as novas tecnologias, que não param de surgir, não encontram sérios problemas na adaptação do mercado tecnológico, como aponta Kämpf (2011).

O fato de nascerem em um mundo altamente tecnológico e automatizado serviu como base para a teoria que essa nova geração de crianças desenvolveu um perfil cognitivo diferente da geração anterior, com capacidade de realizar diversas atividades ao mesmo tempo e com maior eficiência. Marc Prensky (2010), especialista em educação e tecnologia pela Universidade de Yale, é o autor dessa teoria, complementando ainda que a lacuna geracional criada por essa nova estrutura de cognição separa os novos pais e professores formados, ao final da geração dos *Millennials* e dos *Baby Boomers*<sup>10</sup> por exemplo, que não conseguem compreender inteiramente qual a relação da geração Z com as tecnologias digitais e a forma como afetam seus cérebros.

No entanto, existem ressalvas quanto à teoria de Prensky (2010). Neurocientistas afirmam que o cérebro permanece com as mesmas estruturas há 120.000 anos, e devido ao pouco intervalo de tempo para estudo desde seu surgimento, ainda é cedo para afirmar que as novas tecnologias atuem dessa forma. Existe um processo de mudança na forma como o cérebro das novas gerações está sendo estruturado, mas ainda não é possível traçar um limiar entre os benefícios e os malefícios das novas mídias digitais.

O pesquisador José Armando Valente, associado ao Núcleo de Informática Aplicada à Educação (Nied) da Unicamp ressalta que não é exclusividade da geração Z a forma de pensar ou de responder à aprendizagem. A construção de

---

<sup>10</sup> Geração dos nascidos no pós guerra entre 1946 e 1960. Termo originado nos Estados Unidos em 1980 pelo jornalista Landon Jones, onde no período nasceram mais de 70 milhões de crianças.

conhecimento vem das formas pelas quais o cérebro trabalha a informação que recebe. Assim, a principal mudança de uma geração para a outra é a forma a qual a geração digital obtém o acesso à informação através das tecnologias. Mesmo com as múltiplas possibilidades de acesso a facilidade, ainda não é possível delimitar quantitativamente o acesso a informação puro e instantâneo de verdade, sendo clara as dificuldades de se trabalhar com o excesso de informação e a necessidade de se criar múltiplas perspectivas para problematizações e críticas de forma autônoma.

Mônica Fantin (2011) ressalta que existem diversos estilos cognitivos e modos de aprendizagem. Para a autora, o acesso ao conhecimento através dos meios digitais para além do texto, como meios gráficos e audiovisuais, desenvolve outros meios de prestar atenção através da condição implícita de multitarefas.

### **2.1. O Facebook e a construção social dos seus usuários**

O *Facebook* foi desenvolvido por M. Zuckerberg e colegas após a invasão do banco de dados da Universidade de Harvard, e estudavam uma base de dados para a primeira versão dessa rede - primariamente um sistema de integração para os estudantes de Harvard - construída para a atribuição de notas às alunas da Universidade. Esse episódio quase expulsou Zuckerberg da universidade, mas deu início às primeiras estruturas de seu *Facebook*. A construção da plataforma é vista por Mezrich (2010) como o ápice do desejo de alcançar fama e sucesso por parte de seus criadores. Zuckerberg apostou que a plataforma seria um sucesso.

A fórmula de sucesso da plataforma foi a sua desenvoltura perante a necessidade de seus usuários, indo desde a formas de acesso intuitivas até sua gratuidade, oferecendo muitos recursos aos usuários com o intuito de gerar o máximo de interação. Pelo *Facebook*, é possível adicionar fotos, configurar álbuns, carregar filmes, vídeos, livros, artigos, músicas, até as informações mais pessoais, como local de trabalho, lugares nos quais os usuários que morou e visitados frequentemente.

Com o tempo, as configurações do *Facebook* tornaram os perfis expressivos e personalizados. Uma prova de como a plataforma ganhou dimensões mundiais é demonstrado por Javier e Gutiérrez (2011), devido o hábito que desenvolvemos de procurar alguém na rede social antes de conhecê-la, apenas por ouvir falar, estabelecendo a afinidade através dos interesses (já) compartilhados na página.



As redes definem as interações com outros atores através de suas páginas como “amizade”, neste ponto é preciso ressaltar que quando aplicado esse conceito no âmbito comunicacional o termo “amizade”, definido pela plataforma, diz respeito a permissão de acesso de terceiros ao compartilhamento e registro de privacidade do Facebook, não sendo um fator a ser evidenciado no âmbito educacional no que diz respeito às interações comunicacionais do estudante para o professor. Assim, trabalhando no âmbito comunicacional, quanto maior a quantidade de “amigos”, maior será a interconectividade da rede e maior o volume de informações distribuídas na rede, em contrapartida é preciso considerar a menor capacidade de avaliar criticamente o volume de conteúdo disponível na internet.

As ferramentas disponíveis para o compartilhamento de conteúdos, como questionários, entrevistas, jogos que representam os amigos da plataforma em outro universo além do chat, possibilitam comunicação em curtos períodos de tempo em uma extensa conexão entre os indivíduos que utilizam a plataforma.

Outra função diferencial do *Facebook* em relação a outras redes sociais são as ferramentas “curtir” e “compartilhar” atreladas aos conteúdos e informações distribuídas na rede entre seus atores. De acordo com um artigo publicado por Raquel Recuero (2014) na Universidade Católica de Pelotas, as ferramentas utilizadas entre os atores da rede como um método de construção de comunicação dentro da plataforma a qual compõe uma forma conversação intrínseca ao Facebook. O “curtir” em última atualização da plataforma, foram adicionadas as “reações”, possibilitando ao usuário esboçar algo próximo das emoções dentro da rede, com tristeza, raiva e surpresa não necessitando do ator ler todo o contexto para participar da comunicação de alguma forma, sendo uma forma de tomar partido em uma conversação sem de fato se manifestar. Quanto a questão do “compartilhar”, segundo a autora, é respectivo ao interesse da publicação a sua própria rede, por ser uma forma de tomar partido em uma comunicação, possibilitando o início de um debate de seu interesse através dos comentários da publicação.

Na A própria missão do *Facebook* é explícita: seu conceito é “dar às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado”,<sup>11</sup> pensando em uma sociedade capitalista é necessário questionar a missão da empresa, visto que

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/facebookbrasil/about>>. Acessado em: 11 nov. 2018.

o acesso é gratuito com funcionalidades básicas, mas são inúmeras as possibilidades que o Facebook criou de monetização dentro da plataforma, indo dos jogos até a possibilidade de monetizar e impulsionar publicações através de pagamento online. Independentemente do espaço criado por essa rede ser livre para o compartilhamento de conteúdo, sendo eficiente por um lado, se tornou dispersivo, por outro, pois a liberdade que integra a semântica da missão da empresa, aprisiona de certa maneira, seus usuários a um ciclo fechado de publicações e direcionamentos programados segundo o logaritmo que rege os dados da rede.

Os atores conseguem administrar diversas redes sociais simultaneamente, mantendo contatos que influenciam de forma significativa seu cotidiano nas mais diversas ocasiões para além da interação social, do reencontro com antigos amigos ou opinar sobre acontecimentos recentes. Como afirma Raquel Recuero (2011):

Ou seja, é natural que as pessoas tenham mais conexões no online do que efetivamente são capazes de manter no offline. Assim, você deve ter muito mais "amigos" no Facebook do que realmente tem na vida offline. Isso porque muitos dos seus "amigos" no Facebook são pessoas que você mal conhece, que foram colegas antigos ou mesmo amigos de amigos. Com isso, as redes sociais que são apresentadas na ferramenta são muito maiores do que as redes sociais offline. (RECUERO, 2011b).

## **2.2. O Facebook como plataforma de aprendizagem**

O Facebook, desde a sua criação, vem ganhando espaço quando o assunto é educação, segundo Silva & Congo (2007). Pela aproximação entre as Universidades e seu corpo docente através da rede, a construção do conhecimento de maneira colaborativa incita seus usuários a compartilharem suas opiniões nos assuntos de seu interesse de maneira autônoma, contribuindo para os seus usuário expandirem, de certa maneira, sua capacidade crítica e reflexiva.

Os grupos criados no Facebook vão além do estudo de caso desta pesquisa. É perceptível as pessoas que possuem contas ativas na plataforma estão inseridas em grupos de assuntos de interesse, estabelecendo uma relação de cumplicidade na construção de conhecimento sobre determinados assuntos, indo para além da área acadêmica e atingindo os mais variados temas. É suma importância ressaltar que os atores da plataforma não produzem as informações, mas compartilham informação produzidas a partir de dados, análise, críticas que quando expostas e

compartilhadas na rede, levam com ela um encargo de opinião sobre os conteúdos, por isso neste ponto, diferencia-se a forma de produção de conhecimento e produção de opinião. Nos grupos analisados no estudo de caso, a grande maioria dos alunos tinha uma conta na plataforma, por isso, quando inseridos ao grupo fechado, já sabiam como a maioria das ferramentas funcionava, o que não configura um conhecimento padrão e unilateral.

O conteúdo dos grupos é composto pelo material trabalhado nas disciplinas, composto de material complementar a matéria recomendações de filmes relacionados ao material trabalhado em sala documentários, além de músicas e materiais audiovisuais. Além disso, a participação do aluno na rede social lhe proporciona a possibilidade de interação com o professor e os monitores de maneira mais ágil as quais facilitam as demandas do cronograma. Patrício e Gonçalves (2010) se referem ao uso do *Facebook* como ferramenta de aprendizagem, argumentando que a plataforma gera a interação entre alunos e professores com o conteúdo da disciplina.

Mensagens, envio e recepção de mensagens. Grupos, criação de grupos para a turma ou pequenos grupos de trabalho e estudo. Ligações, partilha de websites educativos interessantes. Notas, adicionar pequenos textos, reflexões ou observações, que podem ser comentadas. Eventos, permite criar eventos como por exemplo, avaliações, proposta e entrega de trabalhos, seminários e workshops. Caixas, ideais para organizar aplicações externas (Mydelicious, Books iRead). Chat, comunicação em tempo real, ótima para atendimento online aos alunos. MyDelicious, armazenar, organizar, catalogar e partilhar os endereços Web favoritos. Slideshare e SlideQ, para partilha de powerpoint e pdf. QuizCreator, aplicação para criar testes. Books iRead, aplicação que permite partilhar livros, adicionar tags e comentários de amigos; Book Tag, cria listas de livros para leitura da turma, permite criar questionários e reflexões sob a forma de comentários sobre os livros. Files, permite armazenar e recuperar documentos no Facebook. StudyGroups – para trabalhos em grupo, coloca em contacto todos os membros do grupo. (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010a, p. 10-11).

Em seus estudos, os autores demonstram um resultado otimista e abrem espaço para pensar formas de utilizar práticas conjuntas para a construção do conhecimento através das estratégias mais eficazes no projeto de cognição no mundo digital. De acordo com suas pesquisas, as novas práticas de cognição compreendem que o aprendizado fora da sala de aula ocorre de maneira complementar a sala de aula, no que diz respeito a assimilação. Sendo um espaço de aprendizagem colaborativo.

A forma de construção e absorção do conhecimento se transforma o tempo todo na era digital em que vivemos. O docente que incorpora em suas práticas ações que permitam o desenvolvimento de processos mentais reais consegue ensinar através da flexibilização dos conteúdos, construindo sínteses através de debates e efetivando o processo de memorização de experiências vividas e compartilhadas (ANASTASIOU, ALVES, 2009, p.76)

Baseado em relatório feito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Jacques Delors (1999) classificou a educação como quatro competências elementares: competência pessoal, competência relacional, competência produtiva e competência cognitiva. Nesse estudo, o Facebook apareceu como uma plataforma que incentiva o usuário a desenvolver cada uma dessas competências para melhorar sua convivência com os outros usuários, promovendo a elaboração dessas competências.

Os grupos criados no âmbito da disciplina “Introdução ao Estudo da História”, oferecida pelo Curso de Bacharelado em História da UFOP, tiveram como objetivo a integração e a promoção de ações de extensão para fora da disciplina, sendo compostos exclusivamente pelos discentes. As estratégias do grupo do *Facebook* foram associadas com aulas expositivas, debates e estudos dirigidos através de textos trabalhados ao longo do semestre, com o intuito de desenvolver a interpretação, escrita e síntese do conteúdo através de uma dinâmica individual e coletiva.

Por fim, a plataforma oferece eficiência no que promete oferecer ao usuário, mesmo que com algumas divergências, já que alguns alunos não estavam familiarizados com a tecnologia antes do acesso à Universidade. Por isso, demonstraram dificuldade em lidar com a plataforma, recebendo orientações da turma.

As contínuas atualizações da plataforma preveem um espaço cada vez dedicado à área da educação. Temos, por exemplo, uma plataforma de ensino próprio para o *Facebook*. A *Blueprint*, criada pela empresa, contribui com cursos específicos sobre publicidade e propaganda dentro do *Facebook*, além de cursos complementares da área de marketing e administração, permitindo o acesso a um material educacional de qualidade disponibilizadas pela plataforma. Não somente a *Blueprint*, outros sites educacionais utilizam do Facebook para a transmissão de

vídeo-aulas, palestras, congressos além de disponibilização de material educacional gratuito e de qualidade.

O interesse da presente pesquisa é acompanhar os processos de atualização da plataforma, pois a plataforma sozinha não atinge em por si só o levantamento de dados por ela compartilhado, já que se faz necessário orientar, pesquisar e preparar o ambiente no qual podem ser desenvolvidas diversas ações pedagógicas.

### **2.3. Facebook no ensino superior**

Os atuais softwares colaborativos desenvolvidos através da internet estão inseridos e enraizados em nossa sociedade. Como já explicitado ao longo deste trabalho, os novos recursos oferecidos pelas plataformas podem potencializar e expandir os processos educativos e de aprendizagem através das múltiplas possibilidades de interação e disponibilização de conteúdo que oferecem para o ensino superior, como afirma Capobianco (2010) em sua dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Percebemos que a possibilidade do uso das redes sociais no processo de ensino-aprendizagem é real, como sustentam Silva & Congo (2007). No entanto, o pensamento coletivo construído através do Facebook o relaciona diretamente com o lazer e o entretenimento, o que por um lado facilita o uso da plataforma devido a o uso prévio de seus recursos. Em contrapartida a essa facilidade, quando se trata de produtividade, a plataforma pode ter efeitos negativos no rendimento acadêmico.

Éder Maia Lorenzo, em seu trabalho sobre a utilização das redes sociais na Educação, ressalta que grande quantidade de notificações relativas às interações dos amigos serve como um elemento de distração na realização de tarefas e no processo de concentração, na tentativa de interagir com o fluxo de informação constante a qual está exposto o usuário, enquanto permanecer conectado.

Alguns alunos encontram dificuldades no uso dos recursos ofertados no grupo do *Facebook*, entre os ingressantes, justamente na questão de gestão de tempo e concentração. Por isso, não são todos que conseguem ter um rendimento quando expostos a possíveis elementos, sendo compreensível objeção dos professores em adotar a plataforma para fins educativos, por motivos compreensíveis visto que a plataforma mesmo com suas qualidades ainda sim tem caráter dispersivo, o problema da nova identidade da plataforma, que, antes, mostrava-se como uma rede de interação social e agora constrói outras formas de funcionamento.

Partindo dessa perspectiva, Fewkes e McCabe (2012) dissertam sobre possíveis empecilhos que podem fazer com que a plataforma não atinja os resultados desejados. Um dos fatores levantados é o choque de gerações, que dificulta sua utilização por professores mais velhos as quais não estão plenamente adaptados com o funcionamento da ferramenta como um todo, devido à rápida transição do mundo analógico ao digital, não sendo utilizada universalmente, mas com crescimento exponencial. Além disso, os autores salientam também a falta de uma ferramenta de monitoramento dos comentários e possíveis usos indevidos da plataforma pelos estudantes. Aydin (2012), por sua vez, discute outros problemas presentes no uso das redes sociais, como o *cyber bullying*, o abuso e as delimitações de privacidade nas interações entre professores e alunos, enfatizando a importância de se conhecer os dois lados das relações sociais que acontecem através da internet as quais a plataforma ainda não disponibiliza soluções realmente efetivas.

Ao elaborar um projeto que utilize o espaço das redes sociais como plataforma complementar de ensino, se faz necessário compreender as estruturas que compõem a plataforma para adequá-la às necessidades da disciplina e melhorar a utilização dos recursos do *Facebook* no meio acadêmico, abordando questões de ética e privacidade (Lorenzo, 2011)

O *Facebook* é conhecido por ser uma rede social que permite a interação de várias maneiras, a criação de grupos para debates em tempo real, compartilhamento de textos, trabalhos e atividades, disponibilização de material audiovisual além de repositórios de textos, dicionários para tradução e acervos de imagens, o uso do *Facebook* também permite a difusão de informações sobre as atividades do Instituto e da Universidade, como eventos, palestras, reuniões e assembleias se diferenciando do site da UFOP em termos de alcance.

## **CAPÍTULO 3: A História nas redes – a utilização da plataforma como ferramenta de complementação**

### **3.1. A produção de História como conteúdo para páginas no Facebook**

Ao alcançarem as plataformas, os historiadores perceberam que tinham um novo espaço para a difusão de dados, através do cruzamento de interesses feitos por ela. Devido a isso, começaram a surgir diversas páginas com produção de conteúdo historiográfico pelo Facebook, com publicações regulares que envolvem membros para além da comunidade acadêmica, utilizando linhas de pesquisa específicas relacionadas a fenômenos recentes, compartilhando materiais audiovisuais e textos, utilizando a história como suporte a reflexões humorísticas e promovendo um fluxo contínuo de debates e interação entre os usuários.

Apesar do benefício da visibilidade, o consumo de conteúdo de história, por parte dos moderadores das páginas, muitas vezes não existe a consideração dos sujeitos que produzem e consomem história apenas como produção acadêmica.

Segundo a historiadora colombiana Marixa Lasso (2016) em "os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital" traz o questionamento da profissão do historiador no atual cenário acadêmico brasileiro e podemos identificar uma questão que ela levanta: por que e para quem os historiadores escrevem na atual era tecnológica em que vivemos?

Ao pensar no historiador e seus públicos, Jurandir Malerba (2016) define aspectos que colocam em perspectiva o sentido da história como produção midiática e o relacionamento da história com os atores inseridos nas redes sociais.

A questão que permanece em meio aos estudos do autor se concentra em um problema epistemológico sobre a aptidão da escrita da história na contemporaneidade. Pensando na dimensão de autoridade no assunto, muito trabalhado no ramo da comunicação, é importante levar em consideração outras partes do problema epistemológico levantado pelo autor, como as dimensões éticas, cognitivas, políticas e estética, tornando possível dividir em duas questões; a primeira, que trabalha a relação entre o emissor e o receptor da escrita da história; e segunda: a relação entre ao historiador e a escrita da história com o público.

O historiador é um profissional acadêmico que através da universidade produz conteúdos voltados para o meio da academia, como revistas especializadas e disponibilizadas em plataformas *open access*, congressos temáticos além de um

amplo leque de pesquisas. O público dos historiadores são os leitores que podem variar de um internauta curioso ou um leitor assíduo que procura conteúdo de qualidade para consumo através das plataformas sociais, observa-se que em ambos os casos, a forma de produzir e consumir historiografia teve mudanças significativas nos últimos anos.

A partir do momento em que as fontes de conhecimento histórico não ficaram mais restritas a somente um lugar físico, novos espaços foram abertos com a participação de novos interlocutores para a produção de história na sociedade, abrindo espaço já no século XIX para questões abordadas nesta pesquisa.

Com a nova prática, em 1992, em um artigo publicado por Jonathan Rose foram identificados erros metodológicos que alteram a construção do conhecimento e na forma como os textos de produção historiográfica atingem os leitores comuns, aqueles não inseridos no meio acadêmico. Entretanto os leitores membros das comunidades acadêmicas têm percepções críticas diferentes sobre o material historiográfico publicado em contrapartida ao grande público, onde nem todo tem a leitura como método de trabalho; a interpretação por parte dessa parcela dos leitores se baseia no seu contexto social e no estágio de formação que o leitor se encontra.

Nos deparamos, então, com o problema da legitimidade dos escritos históricos compartilhados na plataforma; grande parte dos conteúdos não segue os métodos de pesquisa que um historiador utiliza para fundamentar e contextualizar um conteúdo. As redes sociais alteraram a relação entre a história, o historiador e o público, e com a alta produção da escrita histórica é necessário investigar as relações que vão além da percepção escrita da história, inserindo nesse conjunto de observação como se ouve, interage e se enxerga a história através das novas plataformas.

O público que consome história teve um aumento exponencial no âmbito do Facebook levantando debates sobre história pública; Malerba (2016) questiona o termo refletindo se o uso do termo "pública" é devido à amplitude que os conteúdos historiográficos antes restritos à produção acadêmica agora além de atingir, é também praticada, por leigos no assunto, ou pública pelo aumento da possibilidade de compartilhamento de informações.

O contexto referido acima mostra um ambiente também comum aos alunos ingressantes. Muitos têm acesso a vários conteúdos de História através do que é



oferecido na rede, e, nesta variedade, a escolha dos ingressantes recai sobre vídeos e conteúdo que facilitam a apreensão de conceitos, e nem sempre a qualidade é um dos fatores de escolha, mas o que se consegue apreender, o que é facilitado pelo emissor do conteúdo. Muitas vezes, o aluno ingressante tem a interpretação de que sua relação com a disciplina de Introdução ao Estudo da História será mediada por vídeos desse teor, facilitadores de conteúdo, mas, na verdade, encontram com material de apoio e complementação.

### **3.2. Historiografia digital: páginas de História no Facebook**

A história divulgada por instrumentos digitais foi capaz, em muitos aspectos, de reescrever a relação do historiador e os instrumentos de pesquisa, sendo este o marco na virada da história digital, uma reflexão sobre as transformações dos instrumentos e ofícios de um historiador.

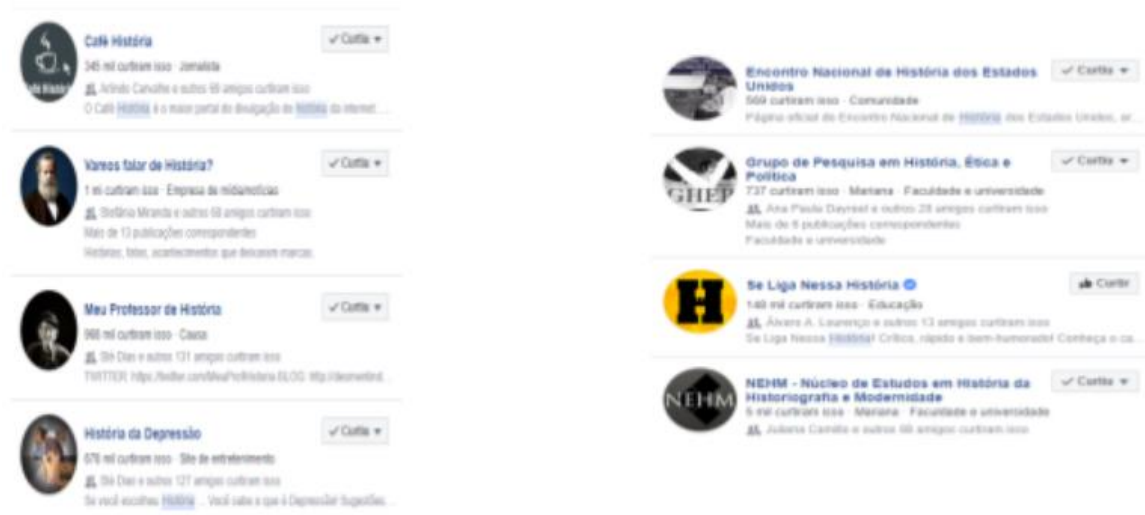
Toni Weller (2012) desenvolve essa teoria em seu livro *History in the digital age*, propondo que nem todo historiador que utiliza o computador e os recursos digitais vindos com o advento da tecnologia digital são por definição historiadores digitais, o impacto da revolução tecnológica só acontece através da união das práticas dos historiadores unidas às novas ferramentas.

No campo da história digital são propostos outros métodos de construção das narrativas históricas que não sejam unicamente através de textos; pode-se dizer que o processo de produção de conteúdo historiográfico através das plataformas digitais acontece em campos multidisciplinares dispondo de novos recursos de linguagem. O historiador atuante realiza as práticas de ensino e pesquisa em histórias através do computador nutrindo um repositório de produções historiográficas nos acervos online e plataformas digitais, transferindo o conhecimento histórico que atingem das práticas de pesquisa até as práticas de docência.

Para demonstrar algumas produções historiográficas dentro do Facebook, foi feita uma análise simples através dos seus mecanismos de pesquisa buscando os resultados do termo “História”.

- Primeiros resultados de pesquisa:

**Figura 1:** Resultado das buscas por páginas de História do Facebook.



Fonte: Elaborado pelo autor.

### 3.2.1. Café História - Divulgação de produções acadêmicas

Ao analisar as primeira páginas<sup>12</sup> relacionadas ao termo pesquisado foi disponibilizada uma seção com as informações, de acordo com o fundador da página Bruno Leal, historiador, jornalista e professor do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) "O Café História tem dois objetivos principais: divulgar o conhecimento histórico produzido nas universidades (para o grande público e para o público especializado) e valorizar debates, experiências e teorias no campo do Ensino da História."

Lançada em janeiro de 2008 a página Café História é dos maiores portais de divulgação de História do Brasil, voltado para estudantes, professores, pesquisadores e amantes de História, disponibilizando conteúdo também através do site [www.cafehistoria.com.br](http://www.cafehistoria.com.br). Lançado em 2017 possui também outras redes sociais como Twitter, Instagram, Google Plus, um canal no Youtube chamado "Café História na TV" outro canal no Telegram, alcançando em média meio milhão de pessoas, através dos produtos disponibilizados através da web como o blog, vídeos, fotos, reportagens, notícias, grupos de estudos, eventos, mensagens, resenhas e entrevistas definindo a página como site educacional.

### 3.2.2. História Digital

O domínio online História Digital possui uma página no Facebook a qual redireciona os usuários para o seu site educacional que se descreve como "História

<sup>12</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/CafeHistoria/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/CafeHistoria/about/?ref=page_internal)>. Acessado em: 12 nov. 2018

para ver, ler, ouvir e até jogar!" Criado em 2009, com a intenção de divulgar e debater o uso mídias digitais na educação, assim como experiências criativas em sala de aula<sup>13</sup>, - foi citado como um dos cinco melhores blogs do Brasil, na área educacional, pelo Instituto Claro em 2009, e indicado como referência no blog do Noblat, recebeu o prêmio de melhor blog de História, pelo Instituto de Pesquisa História Regional (IPHR). Em 2010, foi indicado como um dos 10 melhores blogs de História pelo Portal InfoEnem. Em 2012 a página no Facebook e perfil no Twitter foram indicados entre os melhores do país para estudar História pelas redes sociais, segundo o Guia do Estudante.

O site da História digital é dividido em três seções:

*Material online:*

Composto por apostilas de História, Livros, Questões e Resumos a apostila reúne conteúdos de História Geral que preparam o estudante para provas como o Enem, vestibulares fechados e concursos, podendo ser utilizado tanto por alunos como por professores. Possui em torno de 250 páginas de material de fácil compreensão construído para facilitar a leitura e o estudo. São disponibilizadas também resenhas e análises de obras relacionadas ao tema, sequências de questões temáticas com ênfase na habilidade a ser trabalhada e nas resoluções escritas e por fim resumos de temas estudados dentro da graduação em História

*História do Brasil:*

As sessões específicas são divididas em áreas de estudo, subdividindo-se em Brasil Pré-colonial, Brasil colonial, Brasil Império e Brasil república, consiste em resumos e atividades sobre as temáticas.

*História Geral:*

Seguindo os mesmos aspectos se divide em Pré-história, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

### **3.2.3. As Minas na História**

Página <sup>14</sup>com intuito de resgatar a memória e o trabalho de mulheres que transformaram o mundo, e ainda assim acabaram apagadas da História. Criada por Sigrid Beatriz Varanis Ortega, estudante da História da América Latina na UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, iniciou o projeto após uma

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://historiadigital.org/>>. Acessado em: 12 nov. 2018.

<sup>14</sup> Disponível em: <[asminanahistoria.wordpress.com/sobre-nos/](https://asminanahistoria.wordpress.com/sobre-nos/)>. Acessado em: 12 nov. 2018.

Olimpíada de História do Brasil na Unicamp ao perceber a lacuna de informação referente às mulheres em uma questão abordando Maria Bonita, onde muitos estudantes não tinham conhecimento de suas contribuições, e de muitas outras mulheres, para a história da humanidade. Em junho de 2015 utilizando além do Facebook a plataforma do Twitter e do Wordpress sob o domínio [asminanahistoria.wordpress.com](http://asminanahistoria.wordpress.com) se caracteriza como uma fonte de produção de mídia e veículo de notícias. Atua como um projeto de recuperação da memória de mulheres que transformaram o Brasil e o mundo através de pesquisa bibliográfica e de imagens, regata os feitos e a memória de importantes nomes femininos.

#### **3.2.4. Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade**

A página <sup>15</sup>do NEHM no Facebook corresponde a um núcleo que reúne docentes e discentes pesquisadores da área de História da Historiografia e Modernidades vinculado a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) na cidade de Mariana/MG no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS).

Utilizam também a plataforma wix sob o domínio <http://www.blogdonehm.wixsite.com> reunindo análises documentais, reflexões sobre obras, disponibilização de palestras e documentários e recentemente organizou o primeiro encontro de pesquisa em Teoria da História e História da Historiografia.

#### **3.2.5. História da Depressão**

Página<sup>16</sup> de cunho humorístico para graduandos do curso de história, satirizando o cotidiano acadêmico dos estudantes em processo de formação.

Criada em 5 de Dezembro de 2011 é considerada um site de entretenimento nos âmbitos do Facebook, produz piadas e memes<sup>17</sup> sobre o contexto universitário da graduação em história, atuando através de sarcasmo e ironia em suas publicações.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://blogdonehm.wixsite.com/nehm>>. Acessado em: 12 nov. 2018.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/category/Entertainment-Website/Hist%C3%B3ria-da-Depress%C3%A3o-184409798320689/>>. Acessado em: 12 nov. 2018.

<sup>17</sup> Termo grego referente a imitação. Na internet tem o significado de um fenômeno recente que se tornou viral em algumas formas audiovisuais, como vídeos, imagens, fotos, músicas, vídeos que alcançaram popularidade rapidamente.

## **Capítulo 4: A disciplina de Introdução ao Estudo da História e sua página no Facebook**

A disciplina de Introdução ao Estudo da História faz o primeiro contato com o campo de pesquisa de Teoria e História da Historiografia onde é realizada a introdução de debates e questões fundamentais as bases do que se compreende e se realiza no campo da história e suas vertentes disciplinares.

A disciplina possui ainda um índice de retenção elevado e é possível perceber que um dos motivos é a falta de contato com a parte conceitual da História. As pesquisas disponíveis sobre as plataformas digitais apontam que o engajamento estudantil aumenta comparado ao senso de pertencimento dos alunos e funcionários, é perceptível o maior engajamento dos mesmos através das plataformas.(SHEERAN; CUMMINGS, 2018) e assim, o uso de uma página do Facebook passou a representar uma espécie de termômetro entre a aula e a apreensão do conteúdo, através das reações – mesmo tímidas na maior parte das vezes. As páginas da disciplina organizadas em grupos fechados agem como um facilitador na comunicação, através da presença constante dos alunos na plataforma, como foi mensurado nas turmas do estudo de caso, que consideraram fatores como o agendamento de monitorias e revisões para provas, disponibilização de textos indicados para a semana, material complementar com possibilidade do uso do audiovisual, avisos da semana no âmbito de debate sobre a disciplina, o grupo fechado da disciplina, trabalhando esse material de maneira aprofundada em sala de aula.

Para o estudo de caso deste projeto foram utilizadas as informações analisadas das turmas de Introdução ao Estudo da História de diversos semestres, alunos ingressantes, onde a maioria acabou de chegar vindos do Ensino Médio, e pretende analisar como o Facebook auxiliou nos processos de aprendizagem e interação dos alunos durante o curso da disciplina.

A metodologia de estudo de caso aplicada com análises quantitativas e abordagem descritiva para investigar as possibilidades das ARS do Facebook. O uso das análises quantitativas foi utilizado para conseguir metrificar em resultados reais do alcance da plataforma dentro da disciplina e descritiva por descrever os participantes do estudo de caso nos grupos fechados no Facebook, junto as suas

conclusões sobre o impacto da ferramenta em torno de seus respectivos processos de aprendizagem.

Para concluir o estudo de caso foi realizada uma análise de dados retirados dos grupos de Introdução ao Estudo da história e de um formulário elaborado para compreender relação do discente que ao ingressar no ensino superior, muda os moldes as quais se relaciona com o Facebook e suas formas de utilização para além do entretenimento.

#### 4.1. Estudo de caso do grupo de Introdução ao Estudo da História

O método do estudo de caso consegue entender de maneira completa as relações da geração Z com o Facebook e como atuam dentro da plataforma, compondo o método mais indicado para uma investigação onde é necessário analisar um amplo panorama a qual estão incluídas diversas situações para análise, com especial atenção ao estudo aprofundado sobre o perfil dos estudantes que constituem o estudo de caso, a abordagem feita através do empirismo compreende as relações entre as turmas dentro da plataforma de maneira abrangente e seus resultados podem ser trabalhadas em conjunto com metodologias qualitativas.

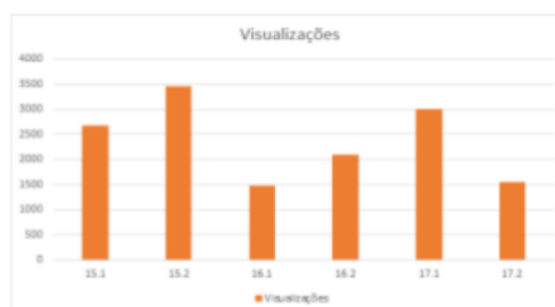
Através da coleta de dados realizada sobre as atividades de interação no grupo fechado de Introdução ao Estudo da História, é disponibilizada a análise quantitativa das atividades realizadas por semestre, de 2015 a 2017:

**Gráfico 1:** Quantidade de publicações dos alunos realizados por semestre



Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 2:** Quantidade de visualizações dos grupos durante todo o semestre.



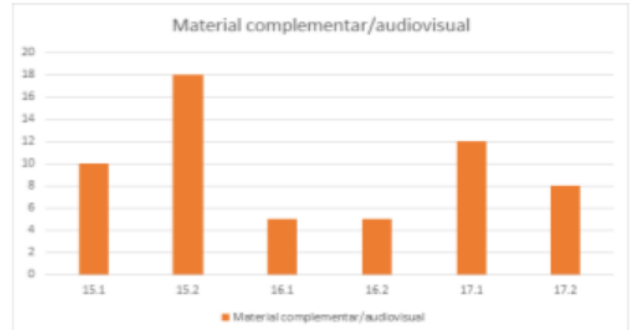
Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 3:** Quantidade de agendamentos de monitoria realizados por semestre.



Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 4:** Quantidade de material complementar e/ou audiovisual compartilhado nos grupos durante o semestre.



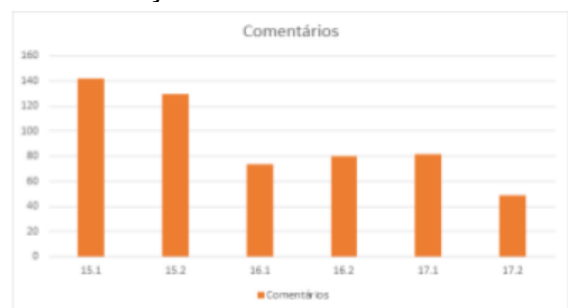
Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 5:** Quantidade de interação com os recados sobre a disciplina postados pela professora.



Fonte: Elaboração própria.

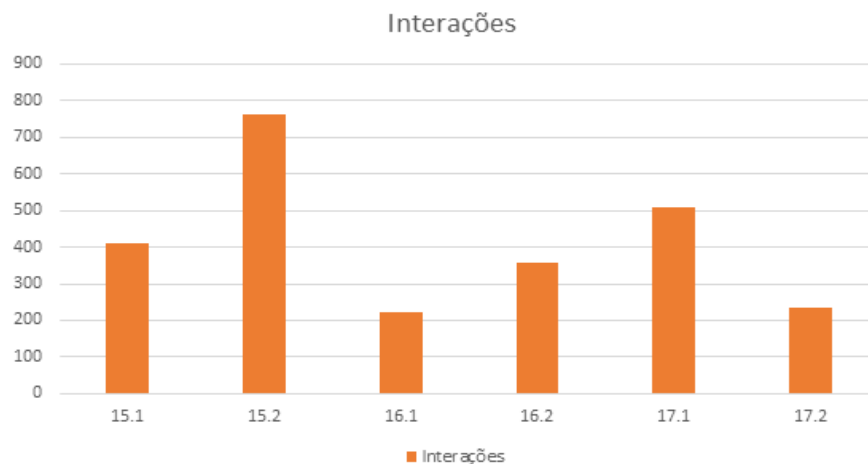
**Gráfico 6:** Quantidade total de comentários nos grupos fechados de Introdução ao Estudo da História.



Fonte: Elaboração própria.

Para uma análise mais abrangente, o gráfico a seguir mostra todas as interações em geral realizadas por semestre nesse período:

**Gráfico 7:** Quantidade total de interação nos grupos fechados ao longo dos semestres.



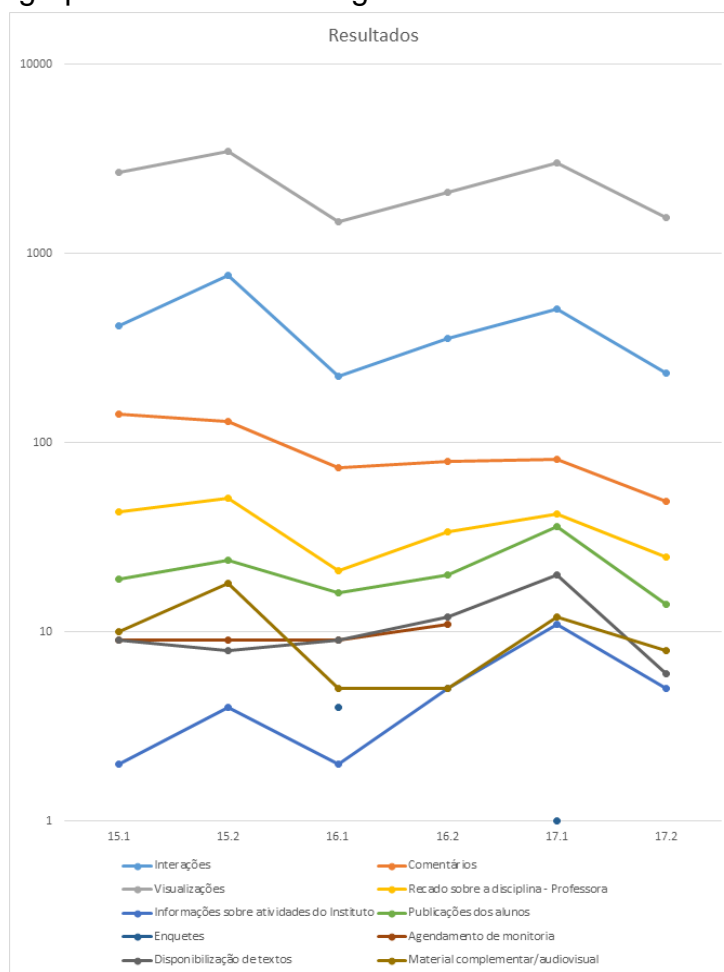
Fonte: Elaboração própria.

É perceptível a queda na utilização do grupo de 2015 a 2016 e o considerável aumento do uso do primeiro semestre de 2016 ao primeiro de 2017. Não sendo viável realizar uma análise fora desse escopo, as informações utilizadas acima são de cunho expositivo.

De modo a analisar a inter-relação das atividades e seus comportamentos segue gráfico com os resultados das quantidades de cada interação por semestre:

**Gráfico 8:** Visualização geral de todas as formas de interação analisadas nos grupos fechados ao longo dos seis semestres.

18



Fonte: Elaboração própria.

Desse modo, é perceptível que todas as interações no grupo do Facebook variam juntas de semestre para semestre desde 15.1 a 17.2, sugere uma relação de ocorrência entre essas atividades para cada período, o engajamento das



publicações dos alunos e a disponibilização dos recados dos docentes variam conforme o semestre

Deixando claro que existe uma relação entre os níveis de interação dos alunos com o grupo. A coleta de dados realizada mensurou diversas possibilidades de interação como as publicações dos alunos durante os semestres, assim como o nível de visualizações nas publicações e a interação dos alunos com as publicações da professora.

Por ser uma plataforma que atua de diversas maneiras, foi analisado também o acesso ao material obrigatório, complementar e audiovisual. Dentro do Facebook é possível compartilhar arquivos de texto, vídeo e áudio, abrindo espaço também para a criação de enquetes, o que facilitou o agendamento de monitorias antes de provas e atividades dentro de sala de aula. Essas funções também estão disponíveis no Moodle, contudo a questão aqui a ser evidenciada não é o diferencial das ferramentas mas sim da frequência de acesso.

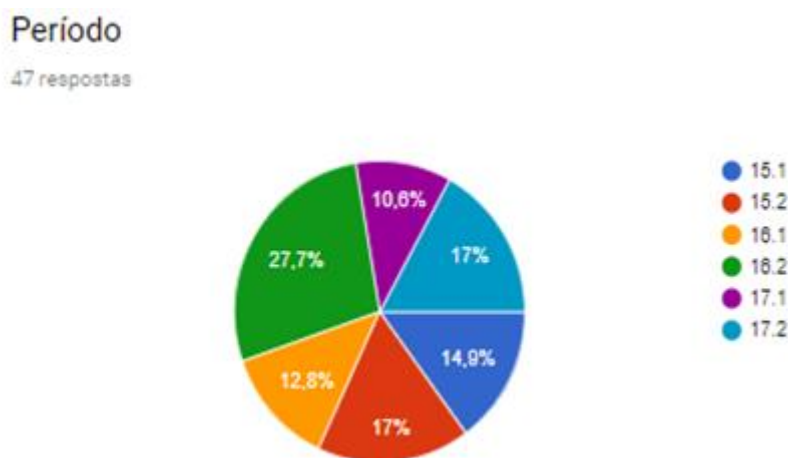
#### **4.2. Contribuição do Facebook para aprendizagem:**

Com base no formulário foi constatado que 51,1% dos usuários têm entre 17 e 21 anos e 42,6% estão entre 21 e 30 anos, sendo 50,6% do sexo feminino 40,6% do sexo masculino. O questionário foi enviado a todos os ex-alunos das disciplinas do primeiro semestre de 2015 até o último semestre de 2017, totalizando 6 semestres.

De acordo com as respostas 93,6% já utilizam o Facebook há mais de 3 anos, 87% acessam a plataforma todos os dias ou frequentemente devido ao acesso em todos os lugares do através do smartphone, o que colaborou para o acompanhamento regular, trabalhando de maneira eficiente o engajamento dos alunos matriculados na disciplina, conforme é possível observar no gráfico 9.

Em relação à interação dos discentes com o grupo da disciplina 85,1% dos alunos acompanhava regularmente o grupo com apenas 12,8% acessando somente às vésperas de provas e acesso às notas, 63% do grupo de respostas se sentia à vontade para interagir com as publicações do grupo e 37% não interagiam por falta de intimidade com a sala ou com a professora, sendo possível observar no gráfico 10.

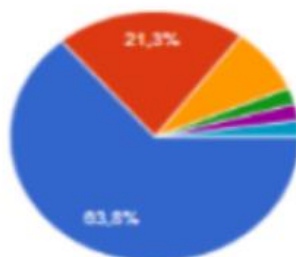
**Gráfico 9:** Panorama completo dos semestres que responderam ao questionário.



Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 10:** Avaliação dos discentes sobre a participação dentro dos grupos.

Quando cursou a disciplina, se se sentia a vontade para participar  
ativamente das discussões e questões levantadas no grupo?  
47 respostas



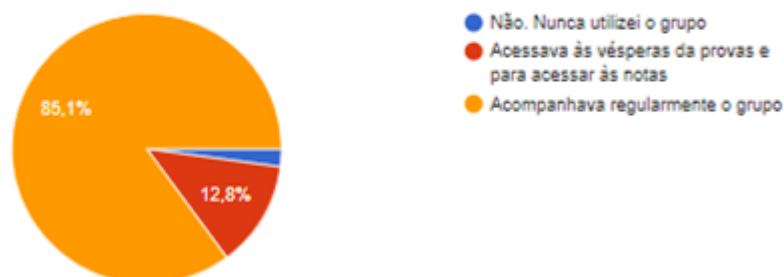
Fonte: Elaboração própria.

Os benefícios do Facebook como plataforma de aprendizagem é não estar restrito somente à sala de aula, indo além das características de um curso estritamente presencial ao desenvolver a autonomia do aluno no estudo em temas que lhe interessem, ampliando suas pesquisas e as possibilidades de acesso ao ensino, como mostram os resultados do questionário. No grupo fechado da disciplina, os conteúdos ficam agrupados e a comunicação mais dinâmica, proporcionando a possibilidade de enquetes para dias de reposição, organização de parte do cronograma, entre outras ações.

**Gráfico 11:** Avaliação dos discentes a respeito da frequência do uso do grupo da disciplina.

Quando cursou a disciplina de Introdução ao Estudo da História, utilizou com frequência o grupo fechado no Facebook criado pela professora?

47 respostas



Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito ao uso da plataforma Moodle, as ferramentas são semelhantes, contudo a ineficácia da plataforma Moodle em relação aos grupos do Facebook vem do fato de ainda não existir completa adesão dos por parte dos professores da Universidade.

Em uma escala de 1 a 5 os entrevistados classificaram suas experiências com o grupo da disciplina. 48% dos alunos afirma que o Facebook contribuiu positivamente para aprendizagem ao longo do semestre, assim como facilitou o acesso ao material obrigatório complementar, cronograma e conteúdo das semanas seguintes disponibilizados pela professora e pelos monitores, como agendamento de monitoria. Observe a análise do questionário realizado abaixo.

Dos entrevistados, 93,6% classificam sua experiência no acesso de material complementar disponibilizado na plataforma foi de bom a regular, como se pode observar no gráfico 12.

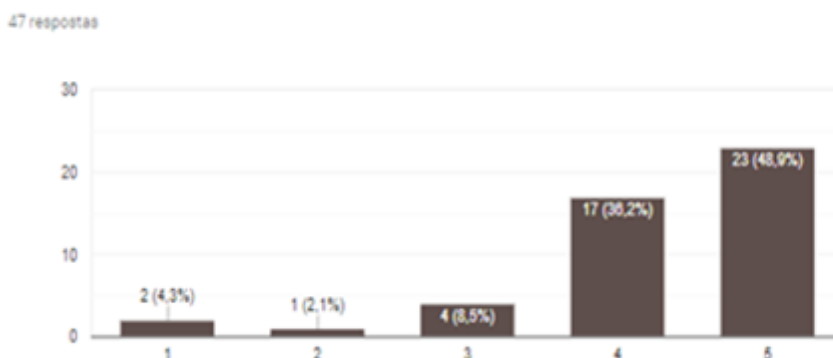
83% dos discentes afirmaram que através dos recursos disponibilizados pelo grupo de Introdução ao Estudo da Historia conseguiram atingir seus objetivos dentro da disciplina forma de bom a regular, como é possível notar no gráfico 13.

Contudo, 59,6% dos discentes confirmam a teoria de Lorenzo (2011): Facebook pode ser um elemento de distração nas escolas, a grande quantidade de notificações não só por parte do Facebook, mas como de diversos outros aplicativos de redes sociais, pode tornar as multi tarefas executadas pelo usuário ineficientes e mais demoradas. Desse modo, foi pedido para que os entrevistados avaliassem

o uso do Facebook como elemento distrator em suas atividades, como se pode observar no gráfico 14.

**Gráfico 12:** Porcentagem de alunos entrevistados que classificaram sua experiência no acesso de material complementar disponibilizado na plataforma. Sendo 1 – Ruim, 2- Regular, 3-Bom, 4-Otimo, 5- Extremamente Satisfatório.

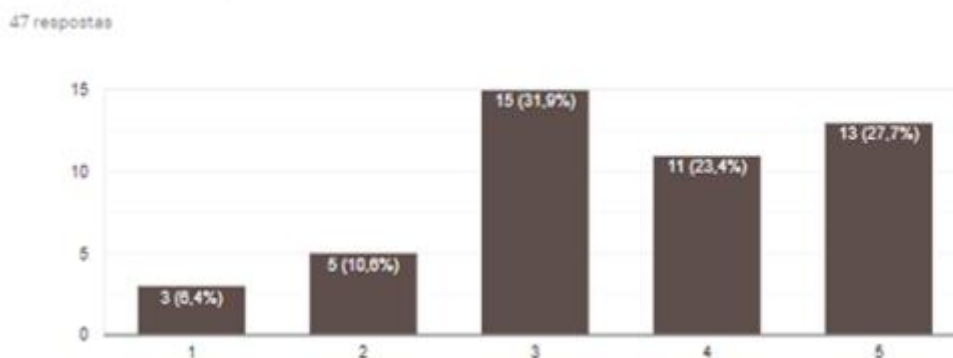
Experiência de acesso de material complementar disponibilizado pela professora e monitores na plataforma:



Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 13:** Porcentagens de alunos entrevistados que classificaram sua experiência de usar recursos disponibilizados no Facebook como meio para atingir seus objetivos na disciplina de Introdução ao Estudo da História. Sendo 1 – Ruim, 2- Regular, 3-Bom, 4-Otimo, 5- Extremamente Satisfatório.

Como os recursos disponibilizados pelo grupo de Introdução ao Estudo da História me ajudaram atingir meus objetivos na disciplina:



Fonte: Elaboração própria.

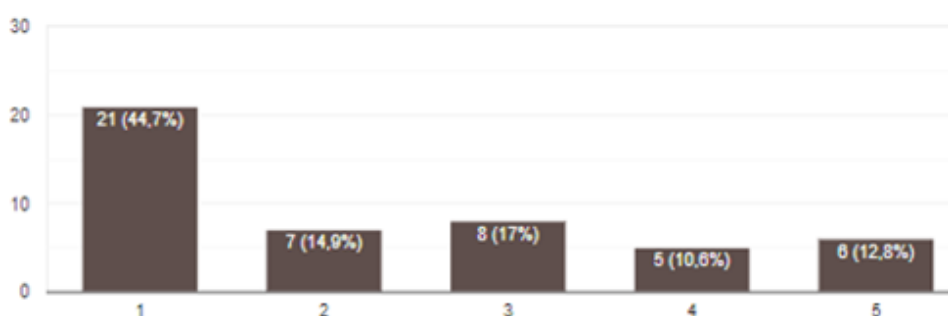
O grupo da disciplina de Introdução ao Estudo da História auxiliou na interação entre os discentes através da troca de informações sobre a disciplina e compartilhamento de conteúdo interno. Alguns fatores interferiram nessa interação,

como o nível de respostas nas publicações tanto por parte dos colegas como por parte da professora, conforme demonstra o gráfico 14.

**Gráfico 14:** Porcentagem dos entrevistados classificam como o Facebook serviu de distração para execução de atividades acadêmicas. sendo 1-Extremamente, 2-Bastante, 3-Regular , 4-Pouco e 5- Nada.

Como a utilização do Facebook serviu como distração durante a execução de atividade acadêmica:

47 respostas

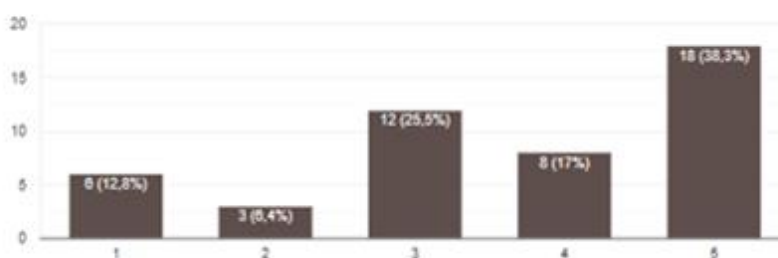


Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 15:** Classificação dos entrevistados quanto a mudança nas concepções sobre uso de ferramentas digitais na educação. Sendo 1 -Não mudou, 2- Mudou pouco, 3- Mudou Razoavelmente, 4- Mudou muito, 5 – Mudou extremamente.

Classificação dos entrevistados quanto a mudança nas concepções sobre uso de ferramentas digitais na educação.

47 respostas



Fonte: Elaboração própria.

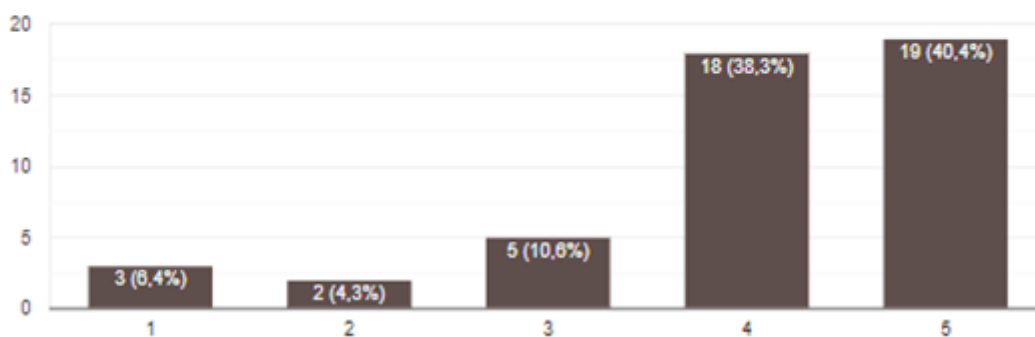
De fato, percebe-se que 80,8% acredita no uso do Facebook como plataforma de aprendizagem, com isso concluímos que através das novas plataformas é possível desenvolver novos métodos de participação e vinculação entre os discentes e a professora. Desse modo, o grupo da disciplina de Introdução ao Estudo da História auxiliou na interação entre os discentes através da troca de

informações sobre a disciplina e compartilhamento de conteúdo interno, entretanto o mal-uso da ferramenta pode servir como distração dentro do ambiente acadêmico.

**Gráfico 16:** Classificação dos entrevistados quanto a possibilidade de aprendizagem colaborativa com a professora e os alunos através do Facebook. Sendo 1 -Não mudou, 2- Mudou pouco, 3- Mudou Razoavelmente, 4- Mudou muito, 5 – Mudou extremamente.

Percebi que ao utilizar o Facebook é possível desenvolver uma aprendizagem colaborativa com a professora e os alunos através do espaço virtual

47 respostas



Fonte: Elaboração própria.

## Capítulo 5: Questionário

O questionário permite compreender as ações dos alunos frente à utilização do grupo fechado do Facebook e seu reflexo na aprendizagem, em primeira instância, recolhendo os dados demográficos, situação acadêmica atual, reconhecimento da plataforma e regularidade, condições de acesso e nível de engajamento com grupos no Facebook de maneira geral.

O questionário foi enviado no segundo semestre de 2018 para a realização desta monografia utilizando a ferramenta Google Forms<sup>19</sup> e distribuído através dos grupos, ainda ativos, e enviado para o inbox dos alunos que já cursaram a disciplina.

Após esse primeiro mapeamento foram designados blocos de questões com objetivos específicos para a educação, interação entre os discentes, interação dos discentes com a professora e por fim conhecimento de normas e informações sobre uso e privacidade da plataforma.

Utilizando como base o questionário construído para o projeto de mestrado Suzana Paula Malva Branco em “A rentabilização pedagógica de um grupo fechado no Facebook”, na disciplina de Inglês na Universidade de Lisboa, tivemos como parâmetro:

### Modelo de questionário aplicado através do Google Forms:

**Idade:**

- Entre 17 e 20 anos
- Entre 21 e 30 anos
- Mais de 30 anos

**Sexo:**

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não declarar\*

**Período:**

- 15.1
- 15.2
- 16.1
- 16.2
- 17.1
- 17.2

**Modalidade:**

---

<sup>19</sup> Ferramenta de coleta de dados rápida de respostas desenvolvidas pelo Google que permite a elaboração de formulários nos mais diversos formatos com distribuição fácil e rápida através das redes sociais conectadas através da empresa.

Licenciatura  
Bacharelado

**Há quanto tempo utiliza a plataforma Facebook?**

Menos de 1 ano  
2 anos  
3 anos  
Mais de 3 anos

**Com que regularidade utiliza o Facebook?**

Todos os dias  
Frequentemente  
Às vezes  
Raramente  
Nunca

**De onde acessa você utiliza o Facebook?**

Somente na Universidade  
Somente em Casa  
Acesso em todos os lugares através do uso do smartphone

**Quando cursou a disciplina de Introdução ao Estudo da História, utilizou com frequência o grupo fechado no Facebook criado pela professora?**

Não. Nunca utilizei o grupo  
Acessava às vésperas da provas e para acessar às notas  
Acompanhava regularmente o grupo

**Quando cursou a disciplina, se se sentia a vontade para participar ativamente das discussões e questões levantadas no grupo?**

Sim.  
Não.

De acordo com o seu aproveitamento da disciplina, classifique de 1 a 5 as informações abaixo:

**Contribuição do Facebook para aprendizagem:**

- O uso do Facebook contribuiu para a minha aprendizagem na disciplina durante o semestre:
- Acessei através da plataforma o material complementar disponibilizado pela professora e pelos monitores:
- Acessei com facilidade a bibliografia referente cronograma antes das aulas
- Os recursos disponibilizados pelo Facebook me ajudaram a atingir meus objetivos na disciplina, através do grupo de Introdução ao Estudo da História.
- As questões levantadas no grupo de Introdução ao Estudo da História me permitiram uma maior participação nas atividades da disciplina, fora da sala de aula
- Através do Facebook senti mais interesse em participar das atividades



- Senti que a utilização do Facebook serviu como distração durante a execução das atividades acadêmicas

#### **Interação dos discentes através do Facebook:**

- Interagi com pessoas diferentes da minha turma, através do grupo
- Consultei recursos compartilhados pelos colegas
- Apenas observei as postagens do grupo, sem intervir
- Me senti desconfortável quando publicava e não obtinha respostas de nenhum dos colegas

#### **Interação dos discentes com a professora através do Facebook:**

- O uso do Grupo do Facebook me deu mais confiança para interagir com a professora.
- Sempre que senti necessidade esclareci dúvidas através de posts, mensagens ou chat com a professora.
- Recebi feedback da professora aos meus trabalhos ou posts
- Utilizei as informações e materiais publicados pela professora.
- Percebi que ao utilizar o Facebook é possível desenvolver uma aprendizagem colaborativa com a professora e os alunos através do espaço virtual
- Classifiquei o nível de contato estabelecido com a professora através de posts, mensagens ou chat.
- Não publicava pois quando o fazia, não obtinha reação por parte da professora.

#### **Normas e utilização do Facebook:**

- O funcionamento do Grupo Fechado e da plataforma Facebook foi fácil de entender.
- Consegui navegar através de informações e comentários no Facebook. A utilização do Grupo de Introdução mudou as minhas concepções sobre o uso de ferramentas digitais na educação
- Acho que o Facebook é mais apelativo que o Moodle.
- Respeitei as finalidades e os objetivos do Grupo, sempre considerando se os meus posts tinham conteúdo, interesse e eram adequados às finalidades do Grupo.
- Ao compartilhar informações, sempre revisei referências bibliográficas.

## Considerações finais

Ao realizar o estudo de caso dos grupos de Introdução ao Estudo da História foi necessário pensar a forma como as novas gerações se relacionam com a tecnologia levando em consideração o perfil dos estudantes que cursaram a disciplina.

A coleta de dados dos grupos da disciplina demonstrou que a quantidade de publicações dos alunos varia ao longo dos semestres, principalmente no ano de 2016; O ano de 2015 teve o maior índice de visualizações assim como o maior nível de disponibilização de materiais audiovisuais através do grupo, além de maior interação com os recados da disciplina e interação dos alunos nos comentários.

A queda na utilização do grupo entre 2015 e 2016 contrasta com o aumento do uso do grupo no primeiro semestre de 2016 e do 2017, ao analisar as inter-relações das atividades dos docentes e seus comportamentos entre o mesmo período, afirmando uma relação direta entre as atividades de cada semestre. A interação dos discentes através do grupo variaram de acordo com as publicações da professora de semestre para semestre, por fim, a coleta de dados serviu para quantificar as interações das publicações ao longo dos semestres.

O perfil dos estudantes confirmou que 51,1% dos estudantes tem entre 17 e 21 anos aos quais 93,6% já utilizavam a plataforma a mais de três anos e 87% o acessam todos os dias, fator que colaborou como facilitador na utilização da plataforma dentro da disciplina.

Com a análise dos grupos e a aplicação do questionário foi possível confirmar a atuação do Facebook como plataforma de aprendizagem, mesmo o engajamento entre os alunos e professores dos estudantes variando de semestre para semestre, foi possível ampliar o ambiente acadêmico para além da sala de aula. Os grupos atingiram o objetivo de simplificar a comunicação entre os discentes e a professora, fora da sala de aula, levando em consideração elementos importantes como o nível de resposta por parte da professora e dos alunos matriculados.

O uso das redes sociais cresceu vertiginosamente nos últimos anos e a tendência é sua expansão, entre plataformas de mídia como o Facebook e Instagram, podemos perceber que esse aumento é exponencial e cada dia mais se consolidam novas plataformas com os mais diversos objetivos.

Ao observar essas tendências se faz necessário pensar em nos conjuntos de características que se fazem presentes tanto nas plataformas que se consolidam

como nos perfis das gerações que agora ingressam na Universidade, pensando nisso é possível concluir que o uso do Facebook pode ser considerado uma prática educacional a ser adicionada ao um novo sistema de aprendizagem coletiva, por um instrumento de inclusão a qual o professor e os alunos conseguem aprender e compartilhar conteúdos, construindo uma dinâmica única para cada grupo, favorecendo o aluno para além do ambiente acadêmico.

## REFERÊNCIAS

- ACIOLI, S. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. *Informação & Informação*, Londrina, PR, v. 12, n. 1 esp., 2007.
- AZEVEDO, E. B. de; BERNARDI, G. *O Facebook na Educação: um papo sério?* 2013. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2013.
- BRANCO, S. P. M. *A rentabilização pedagógica de um grupo fechado no Facebook na disciplina de Inglês*. 2014. 149 f. Trabalho de Projeto (Especialização em Educação e Tecnologias Digitais) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.
- CAPOBIANCO, L. *Comunicação e Literacia Digital na Internet – Estudo etnográfico e análise exploratória de dados do Programa de Inclusão Digital ACESSA SP ONLINE*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2010.
- COSTA, R. da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, Botucatu, SP, v. 9, n. 17, p. 235-248, mar./ago. 2005.
- DEGENNE, A.; FORSÉ, M. *Les réseaux sociaux*. Armand Colin: Paris, 1994.
- DOSSE, F. História do tempo presente e historiografia. Rev. trad. Silvia Maria Fávero Arend. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, SC, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2012.
- FORMENTIN, C.; LEMOS, M. Mídias sociais e Educação. *Anais do III Simpósio sobre Formação de Professores – SIMFOP*. Tubarão, 28 a 31 mar. 2011.
- GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991. 177p.
- HILU, L.; OLIVEIRA, R. G. de; RODERO, R. Possibilidades do uso pedagógico das redes sociais: estudo de caso. *Anais do X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE/II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE*. Curitiba, 7 a 10 de novembro de 2011.
- JAVIER, F.; GUTIÉRREZ, H.. En la red social Facebook. *Revista Latina de Comunicación Social*, 2011. Disponível em: <[http://www.revistalatinacs.org/11/art/944\\_Salamanca/23\\_Javier.html](http://www.revistalatinacs.org/11/art/944_Salamanca/23_Javier.html)>. Acessado em: 05 nov. 2018
- JULIANI, D. P. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. *RENOTE*, Porto Alegre, RS, v. 10. n. 3, p. I-XI, 2012.
- KÄMPF, C. A geração Z e o papel das tecnologias digitais na construção do pensamento. *ComCiência*, Campinas, SP, n. 131, 2011. Disponível em:

<<http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n131/a04n131.pdf>>. Acessado em: 19 nov. 2018.

LAS CAZAS, A. de C. *Redes sociais: um estudo de caso sobre os usuários do Facebook*. 2012. 54 f. Monografia (Especialização em Gestão Estratégica da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LORENZO M. E. A utilização das redes sociais na educação. 2011. *Clube de autores*. Disponível em: <<http://www.clubedeautores.com.br/book/50369>>. Acessado em: 25 out. 2018

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. *Boletim Historiar*, São Cristovão, SE, n. 2, p. 45-57, mar./abr. 2014.

MACHADO, A. C. T. Novas formas de produção de conhecimento: utilização de ferramentas da web 2.0 como recurso pedagógico. *Revista UDESC Virtu@l*, Florianópolis, SC, v. 1, n. 2, 2008.

MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 37, n. 74, p. 135-154, 2017.

MARCON, K.; MACHADO, J. B.; CARVALHO, M. J. S. Arquiteturas Pedagógicas e Redes Sociais: Uma experiência no Facebook. *Anais do 23º Simpósio Brasileiro de Informação na Educação*. Rio de Janeiro, 26 a 30 de novembro de 2012.

MEZRICH, B. *Bilionários por acaso: A criação do Facebook, uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição*. Tradução Alexandre Matias. - Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. *Facebook, Grau de Separação e Redes Sociais*. 2011b. Disponível em: <[http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/facebook\\_grau\\_de\\_separacao\\_e\\_redes\\_sociais.html](http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/facebook_grau_de_separacao_e_redes_sociais.html)>. Acessado em: 04 nov. 2018

MITCHEL, J.C. The Concept and Use of Social Networks. In: *Social Networks in Urban Situations: analyses of personal relationships in central African towns*. Manchester: Manchester University Press, 1969.

MONTEIRO, L. A internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, p. 27–37, 2011.

NEBIAT, N.; GIRUM, K. Relationship between Facebook Practice and Academic Performance of University Students. *Asian Journal of Humanities and Social Sciences (AJHSS)*, v. 2, n. 2, p. 31, 2014.

NEBIAT, N.; GIRUM, K.; CLEMENTS, J. C. Using Facebook to Enhance Independent Student Engagement: A Case Study of First-Year Undergraduates. *Higher Education Studies*, v. 5, n. 4, p. 31, 2015.

NOIRET, S. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015.

OLIVEIRA E SILVA, A. B. de *et al.* Análise de redes sociais como metodologia de apoio para a discussão da interdisciplinaridade na ciência da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 72-93, jan./abr. 2006.

OLIVEIRA, A.; CARDOSO, E. L. Estratégias e práticas na utilização do Moodle na disciplina de História. *Educação, Formação & Tecnologias*, Monte da Caparica, Portugal, v. 2, n. 1, p. 58-74, mai. 2009.

PATRÍCIO, R.; GONÇALVES, V. Facebook: rede social educativa?. *I Encontro Internacional TIC e Educação*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 593-598, 2010. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>>. Acessado em: 29 out. 2018.

PORTUGAL, S. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. Oficina do CES n. 271, mar. 2007. Disponível em: <<https://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/271.pdf>>. Acessado em: 19 nov. 2018.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, RS, v. XXVIII, n. 68, p. 114-124, mai./ago. 2014.

SHEERAN, N.; CUMMINGS, D. J. An examination of the relationship between Facebook groups attached to university courses and student engagement. *Higher Education*, p. 1–19, 2018.

TEIXEIRA, N. F. Metodologias de pesquisa em Educação: possibilidades e adequações. *Caderno pedagógico*, Lajeado, v. 12, n. 2, p. 7-17, 2015.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, mai./ago. 2005.

ZANCANARO, A. *et al.* Redes Sociais na Educação a Distância: uma análise do projeto e-Nova. *Datagramazero*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, abr. 2012.

## ANEXOS

### A. ICHS para iniciantes: Quando se chega ao ICHS, o que encontramos?

#### 1. Apresentação da proposta e pertinência com o objetivo do edital

A proposta que se apresenta é fruto da observação e convívio com calouros do curso de História há mais de dez anos. O público não se restringe, porém, aos calouros e às calouras de História, mas aos demais estudantes do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP. Propõe-se, a partir de um objetivo geral, que é o acolhimento das múltiplas identidades que o ICHS recebe a cada período, a produção de materiais que possam ser usados nos semestres vindouros, como vídeos e materiais escritos, veiculados em página do Facebook e demais redes sociais, além do estímulo ao convívio no espaço público, que é a própria universidade.

A experiência acadêmica do ingressante do curso de História, assim como em qualquer outro curso, em um primeiro semestre pode ser aterradora, muitas vezes devido à desinformação dentro do próprio campus, que persiste mesmo após a Semana de Integração. Muitos alunos não reconhecem o ICHS como um espaço disponível para estudo, optando muitas vezes por sua não utilização além do obrigatório, que são as aulas.

O desinteresse pelas atividades propostas, a má distribuição de horários, associada a uma estratégia ruim de informações sobre o que acontece dentro do campus, contribui para o desestímulo em relação ao curso e às atividades culturais propostas. Além disso, o ICHS ainda cumpre com parcimônia a interação com a comunidade marianense ou a interseção entre as duas comunidades, a da universidade e a da cidade.

#### 2. Justificativa

Após as políticas de acesso ao Ensino superior, o público do ICHS tornou-se diversificado em sua origem, deixando de ser, em grande parte, externo a Minas, para se tornar cada vez mais mineiro e especificamente mais marianense e ouropretano. Contudo, as dificuldades com o ambiente acadêmico também para esse público mais próximo, mais local, são grandes e ao longo do primeiro semestre a experiência pode ser não apenas dura, mas levar o ingressante a situações de

evasão ou baixo rendimento (com abandono de algumas disciplinas, tentando “salvar” outras). A experiência dos alunos calouros e das alunas calouras de História, que acompanho mais de perto, é, certamente, a mesma dos calouros e das calouras de outros cursos do ICHS, a saber, Letras e Pedagogia.

A liberdade experimentada na Universidade choca-se com a vida levada anteriormente, em diversos aspectos. De alguma forma, o ambiente familiar, dos amigos e da escola já conhecida (muitas vezes, a escola freqüentada foi o espaço conhecido por mais de uma década na vida dessas pessoas) colide com a nova realidade encontrada na Universidade. O ambiente acadêmico, longe de ser empático, mesmo em um Instituto de Ciências Humanas e Sociais, é hostil e extremamente competitivo e reproduz formas de silenciamento que vemos no cotidiano da sociedade. Cabe a esse espaço também reagir e pensar: 1) que a hostilidade é o que encontramos no espaço público – da cidade e também da Universidade - e deve ser combatida, à medida que passamos a reconhecer os outros que têm direito ao espaço público; 2) que as identidades devem ser pensadas no espaço público. Entender o que é/o que são a(s) identidade(s) é um primeiro passo para se pensar a coletividade realmente mais plural mediada pelo respeito comum.

A hostilidade do ambiente acadêmico se revela de muitas formas, entre elas o encontro com pessoas que não escolhemos conviver. Mesmo que lancemos essa mesma formulação para a família (afinal não a escolhemos) ou para a escola cursada antes, podemos, de certa forma, tratar como ambientes de proteção. Já o ambiente novo traz uma surpresa: a solidão diante dos desconhecidos e, novamente, a hostilidade. Enfatiza-se o termo e a condição da hostilidade ligada à solidão, a partir do que se observa no espaço acadêmico do ICHS. Ali, faltam espaços bons de convívio e também ações que incentivem a interação entre os discentes e a comunidade do Instituto em geral. Não há ações que façam a contraposição das vozes e dêem lugar às novas, que chegam.

Maria Rita Kehl, em um artigo publicado na Revista Piseagrama, lembra que:

Viver junto é viver nas cidades. Não é viver em família, nem entre amigos. Viver junto não é um problema da vida privada, mas da vida pública. Só a vida urbana nos obriga a viver com uma multidão de desconhecidos [e] estamos permanentemente na dependência do contato com pessoas que não escolhemos.

O imperativo do amor cristão não resolve o problema da relação com o outro. O amor não pode ser objeto de uma lei.



A lei do amor cristão pode ter sido um avanço civilizatório, mas ao longo da história provocou mais lutas fratricidas, em nome de Deus, do que alianças fraternas. Não posso ser obrigada a amar meu semelhante para conviver com ele. (KEHL, Maria Rita. Piseagrama, p. 1 <https://piseagrama.org/olhar-no-olho-do-outro/> Última visualização dia 23/02/2018.

A psicanalista alerta para esse convívio na cidade, o convívio do “homem comum”. O convívio necessário acaba impondo uma espécie de relação especular: nós mesmos somos aquele outro, mas que não queremos ver. Maria Rita Kehl, ainda nesse artigo, discorre sobre a diferença entre pedestres e aqueles que preferem andar abrigados nos veículos, na fantasia de que estão mais seguros. O medo reduz e incapacita o olhar sobre o outro, impedindo seu conhecimento. O exemplo da cidade de São Paulo, trazido ao texto de Piseagrama, enriquece o olhar sobre o Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP e sua comunidade: “São Paulo são 12 milhões de cidades, 12 milhões de mapas sentimentais recortados pelas histórias de vida de seus habitantes.” (KEHL, Maria Rita. Piseagrama, p. 1 <https://piseagrama.org/olhar-no-olho-do-outro/> Última visualização dia 23/02/2018).

No Instituto confundem-se pessoas de vários lugares, que, em comum, apenas um espaço que as precede, e que elas pouco sentem sendo delas. A relação de pertencimento vem muito mais tarde, bem depois do primeiro período. Pensamos que a relação de pertencimento, através do acolhimento mais prolongado que a Semana de Integração, possa reduzir a evasão que temos visto no Curso de História e das Humanidades em geral. Temos visto, na experiência com o primeiro período, que a falta de espaço de expressão faz com que a retração no espaço público aconteça ainda mais fortemente.

A presença no espaço público se faz pelo próprio corpo, nossa marca de materialidade. A filósofa alemã Hannah Arendt assim afirmava sobre a natureza fenomênica do mundo:

Já que para os seres sensíveis – homens e animais, para quem as coisas aparecem e que, como receptores, garantem sua realidade – são eles mesmos também aparências. (ARENDR, Hannah. A vida do Espírito. O pensar, o querer, o julgar. Trad de Antonio Abranches, Helena Martins. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993, p. 17)

E continua:

A mundanidade das coisas vivas significa que não há sujeito que não seja também objeto e que não apareça

como tal para alguém que garanta sua realidade objetiva. (idem, ibidem)

Surge, então, a identidade como a grande forja desta presença e dessa aparência no mundo. A identidade, segundo a escritora e filósofa brasileira Márcia Tiburi, “é, em seu uso no contexto das lutas políticas, uma força de alto impacto potencial”. (Fonte: Revista Cult. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/lugar-de-fala-e-etico-politica-da-luta/>>.Última visualização: 24/02/2018)

A identidade é singularidade, e cada um em sua própria trajetória, mas também é histórica. Ninguém está, no tempo, sozinho. A construção histórica das identidades é uma realidade que requer a atenção no ambiente universitário.

Acostumados a pensar, no ICHS, a construção das coletividades, as instituições, sua administração e como elas se mantêm, reagimos pouco à hostilidade de sua realidade no espaço acadêmico, que deve ser o momento e o lugar da formação para a melhoria, para a tolerância e para o convívio pleno do e no espaço público. Identificar como se produz essa hostilidade – se é a reprodução das práticas e como elas se dão nesse espaço, especificamente.

### **3. Objetivo Geral**

A proposta que se apresenta se dirige ao aluno e à aluna ingressantes no ICHS. A contribuição deste projeto é uma organização desse momento tão importante na vida dos estudantes, independentemente de sua faixa etária, visando à redução da evasão e do baixo rendimento no primeiro período por motivos de adaptação.

Temos identificado uma dificuldade experimentada com essa nova vida em termos gerais, seja na gestão do tempo, na organização da vida fora da casa dos pais, ou a vida acadêmica e o trabalho, resolução de problemas relativos à organização dos horários das disciplinas, atividades extracurriculares, gestão do curso, entre tantas outras circunstâncias.

A presente proposta, assim, tem o objetivo geral de elaborar estratégias, para além daquelas já em ação no ICHS, como a Semana de Integração, que estimulem a permanência dos estudantes durante o primeiro período e que as vozes desses alunos e dessas alunas sejam ouvidas e que a sua presença seja respeitada e acolhida ao longo do primeiro semestre. Para tanto, propõe-se uma série de ações tendo em vista o dia a dia da universidade e seu funcionamento, produzida por alunos e supervisionada por mim. Acreditamos que a Universidade pode ser um

lugar menos hostil, com melhor atendimento, disponibilidade, eficácia em relação a requisições dos alunos e um relacionamento saudável quanto às identidades. Visamos, ao final, proporcionar com essa série de ações uma estabilidade aos discentes e às discentes ingressantes no ICBS.

Objetivamos um projeto-base e ativo de comunicação com o ingressante no Instituto. Em primeiro lugar, conhecer melhor o aluno ingressante, para que as estratégias a serem utilizadas não se distanciam do público-alvo. O uso da tecnologia e mídias sociais será de máxima importância, para que as informações e a comunicação sejam mantidas. Para tanto, três bolsas remuneradas são de fundamental importância.

#### **4. Objetivos específicos**

- Oferecer boas experiências, boas resoluções de problemas e espaços, frente ao choque de convivência no primeiro período, melhorado o cotidiano da comunicação, através da elaboração de material de interesse relacionado ao Instituto e aos cursos.

- Ciclo de estudos sobre as identidades e o espaço público, com exibição de documentários, discussão do material exibido, fortalecendo a inclusão dos sujeitos no espaço público. Sessões de cinema no ICBS em horários alternativos às aulas possibilita ao instituto ser um espaço de pensamento sobre ele mesmo e também um espaço amigável do convívio.

- Workshop mensal sobre os desafios das carreiras. Estímulo a um fórum permanente sobre as carreiras e o mercado de trabalho e sua constante transformação. No caso da Licenciatura em História, o debate sobre a BNCC deve continuar e colocar o calouro a par de todo o processo. Além disso, quais as opções do bacharel em História? Quais as opções do mercado de trabalho para o licenciado e o bacharel em Letras formado no ICBS? E o curso de Pedagogia, quais as perspectivas? Essas perguntas nortearão os debates promovidos pelo workshop.

- Ampla divulgação do calendário acadêmico e informações pertinentes através das redes sociais com o intuito de diminuir a perda de datas, prazos importantes ou quaisquer outros eventos.

- Utilização da plataforma Moodle com efetividade pelos professores e como um guia para organização de eventos, textos acadêmicos e gestão de tempo;

## **5. Bolsas pretendidas**

Solicitam-se 3 bolsas remuneradas, pois o trabalho visa atender os três cursos do ICHS. Se houver a possibilidade de uma bolsa para o trabalho voluntário também interessa a essa proposta.

## **6. Resultados Esperados**

Os resultados esperados dividem-se em dois grupos:

1) Elaboração dos produtos listados nos objetivos específicos, como os workshops com alunos egressos, professores das licenciaturas e profissionais que estejam inseridos no mercado de trabalho. O resultado esperado é que assim as dúvidas que em geral os calouros e as calouras têm a respeito dos cursos que escolheram possam ser dirimidas ao longo do tempo e que as escolhas e reorientações possam se realizar.

2) Produção de material para o aluno ingressante. O material a ser produzido ficará disponível e será atualizado nos semestres vindouros e assim poderá ganhar em qualidade (cada mais plural, tendo em vista as múltiplas vezes, as múltiplas experiências).

O resultado esperado é que diminua a evasão provocada pela instabilidade no espaço do ichs e o discente e aos discentes ingressantes possam experimentar um período de adaptação menos traumático e que os semestres seguintes possam ser mais produtivos, mais elaborados e mais planejados, sobretudo.

## **7. Plano de trabalho e esboço de cronograma**

- Criação página Facebook direcionada para o ICHS
- Criação de posts principais seguindo todas as datas do Calendário Acadêmico Vigente
- Pauta de postagem com campanhas informativas voltadas para:
  - Saúde
  - Nutrição
  - Alojamento
  - Curiosidades sobre Mariana, Ouro Preto, ICHS, UFOP

Pauta de postagem de campanhas de conscientização:

- Igualdade de gênero
- Machismo
- Homofobia
- Transfobia

Produção de material de orientação de fácil acesso, como e-books e cartilhas:

- Mapa interativo do ICHS para download
- Grade horário das aulas disponível para download
- Cartilha com as funções e os representantes da parte administrativa do ICHS
- Guia prático de repúblicas em Mariana
- Cartilha de nutrição e saúde física e mental para calouros
- Cartilha sobre os projetos e coletivos disponíveis dentro do ICHS (extensão, iniciação, PIBID, etc)